

CARTA AOS ROMANOS

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de novembro de 2023

INTRODUÇÃO

A Carta aos Romanos é a única que Paulo destina a uma comunidade que não foi fundada por si. Constituindo, provavelmente, a última das suas grandes cartas, o apóstolo escreve-a no contexto de novos horizontes geográficos e teológicos, como se pode deduzir, por exemplo, da sua vontade de ir até à Hispânia (15,24), embora não se saiba se o terá conseguido (cf. 1,13; 15,22.28). Nesta viagem, que pretende empreender depois de ir a Jerusalém (15,25), quer passar por Roma (15,24), razão pela qual escreve a presente carta, onde apresenta as suas «credenciais».

Rm é uma carta serena, diferente de Gl, como se de um grande testamento espiritual e exegético se tratasse, no qual o apóstolo relê as Escrituras no contexto do mundo greco-romano, colocando o evangelho em diálogo quer com a Torá, quer com a cultura envolvente. O texto foi totalmente escrito por Paulo por meio do seu amanuense Tércio, excetuando a intervenção deste em 16,22 e provavelmente os últimos três vv.. A carta apresenta muitos vocábulos comuns a 1-2 Cor, Flp e Gl, sendo patente uma reflexão mais amadurecida e uma fundamentação mais aprofundada. Juntamente com Gl, Rm está na base de discórdias entre protestantes e católicos sobre o papel da fé (e das obras) na justificação (salvação), em grande parte hoje superadas.

A comunidade de Roma e a datação da carta

Quem são os cristãos romanos? Rm 1,1-7 dá notícias muito escassas. A comunidade seria composta por cristãos oriundos da Síria e da Palestina, provenientes da tradição hebraica, mas também por muitos vindos do paganismo. Pelo texto, podemos inferir que os de origem hebraica estariam em minoria, embora mantivessem uma grande ascendência sobre a comunidade, a ponto de os seus membros estarem convencidos de que ainda seria necessário participar nas reuniões sabatinas da sinagoga. Seria, assim, uma comunidade mista, com possíveis conflitos entre os cristãos vindos do paganismo – que tinham permanecido em Roma depois do édito de Cláudio (49 d.C.), que expulsou da cidade os judeus – e os judeo-cristãos, regressados à cidade depois da morte do imperador em 54 d.C., e a que Paulo parece aludir nos caps. 14-15.

Embora seja difícil precisar, a carta terá sido escrita em Corinto – tal como confirmam os acrescentos, em jeito de *post scriptum*, presentes em muitos dos manuscritos mais antigos – por volta dos anos 57-58, durante a terceira viagem missionária de Paulo (cf. At 18,23-21,16), antes de ir a Jerusalém levar o resultado da coleta (cf. Rm 15,25; 1Cor 16,5ss; At 20,3).

Conteúdo e estrutura

A carta apresenta uma complexa síntese da teologia paulina, em particular sobre a unicidade da história da salvação e sobre a constância da ação de Deus ao longo dessa

história. Estão ausentes temáticas como a Eucaristia, a Igreja ou os ministérios, e os temas mais comuns desenvolvem a relação entre o pecado e a graça, a justiça e a Lei, o bem e o mal, a Lei e a fé, Israel e os pagãos. Embora importantes por si mesmos, estes temas são desenvolvidos no enquadramento da teologia paulina sobre a coerência do agir divino, que começa na história de Israel (1,18-4,25), passa pelo presente da condição cristã (5,1-8,39), e se consuma no futuro (9,1-11,36). Juntamente com a longa secção exortativa que se lhe segue (12,1-16,23), que inclui as recomendações finais (16,1-23), estas secções formam o grande corpo da carta, que é precedido por uma longa introdução (1,1-17) e sucedido por uma breve conclusão (16,25-27), como é comum nos modelos da epistolografia clássica.

Sem negar o papel da Lei, o apóstolo mostra como a Torá não possui capacidade salvífica, pelo que apresenta a fé (a confiança) em Deus como o meio que Ele desde sempre concedeu para que seja possível ao homem manter-se na sua aliança e acolher a sua oferta salvadora. A salvação traduz, assim, a gratuidade da parte de Deus, mesmo quando o ser humano peca e se dá conta – como Paulo – de que experiencia o drama do pecado. Esta experiência é traduzida pelo apóstolo com uma linguagem, que lembra alguma da linguagem da filosofia estoica, da vida *segundo a carne*, que se opõe à vida *segundo o Espírito*. Para sair do círculo vicioso do pecado (7,24-25), o homem precisa do auxílio da graça do Senhor: isto constitui a justificação de Deus, operada em Cristo (5,12-21).

Rm apresenta uma evidente estruturação retórica, seguindo os modelos epistolares do mundo antigo, para suportar a tese que enuncia em 1,16s, a partir da qual se tenta persuadir o interlocutor (judeu ou pagão, crente ou não crente, cristão ou não cristão) de que o evangelho tem a sua origem em Deus e que, como tal, não apenas se situa na continuidade da aliança que o Senhor firmou com base na fé e na palavra, como se tornou na única palavra da salvação.

O texto estrutura-se do seguinte modo:

Introdução (1,1-17)

I. Secção querigmático-doutrinal (1,18-11,36)

Revelação da ira e justiça divinas (1,18-4,25)

A salvação dos crentes no presente (5,1-8,39)

O lugar de Israel na história da salvação (9,1-11,36)

II. Secção exortativa e recomendações finais (12,1-16,20)

Conclusão (16,21-27)

INTRODUÇÃO (1,1-17)

1 Endereço e saudação (1,1-7)

1 Paulo^a, servo de Cristo Jesus, chamado a ser^b apóstolo, eleito para o evangelho de Deus, ²que Ele de antemão prometera por meio dos seus profetas nas sagradas Escrituras, e que diz respeito ao ³seu Filho, nascido, segundo a carne, da descendência de David, ⁴mas, que, segundo o Espírito que santifica^c, foi constituído Filho de Deus em poder, pela ressurreição de entre os mortos^d. Ele é Jesus Cristo, nosso Senhor, ⁵por meio do qual recebemos a graça do apostolado, a fim de conduzirmos todas as nações à obediência da fé, para glória do seu nome^e. ⁶Entre elas estais vós também, chamados por Jesus Cristo. ⁷A todos aqueles que estão em Roma^f, amados por Deus e santos por chamamento: a vós, a graça e a paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Agradecimentos e prece (1,8-15)

⁸Primeiro que tudo, dou graças ao meu Deus, por meio de Jesus Cristo, a respeito de todos vós^g, porque se fala da vossa fé^h no mundo inteiro. ⁹Com efeito, Deus –

^a Paulo adota um tradicional formulário em três partes: remetente (vv.1-6), destinatários (v.7a) e saudação (v.7b) mas, como nas suas outras epístolas, acrescenta-lhe dados, tendo em conta a especificidade da carta. Nesta fá-lo sobretudo em relação ao remetente, por ser desconhecido dos destinatários. Daí a tríplice apresentação: da sua vocação para apóstolo (vv.1b.5); do conteúdo histórico-salvífico do evangelho (vv.2-4); e dos objetivos e destinatários do anúncio (vv.5b-6). No centro está o evangelho: foi por ele (no conteúdo) e para ele (no anúncio) que Paulo foi *chamado a ser apóstolo* (v.1); e foi por meio dele que os cristãos de Roma foram *chamados por Jesus Cristo* e, como tal, a ser *santos* (vv.6.7).

^b *A ser* é acréscimo da tradução.

^c Lit.: *Espírito de santificação*, um semitismo que classifica o Espírito como *santo* (em relação a si mesmo) e *santificador* (em relação aos crentes).

^d Tudo indica que Paulo cita, como núcleo central do evangelho, uma fórmula de fé em Cristo, na sua condição humana (v.3) e divina (v.4). Se os cristãos de Roma a conheciam e usavam, então tem a seus olhos ainda mais valor e explica por que razão Paulo a cita (cf. 1Cor 15,1-5).

^e Lit.: *para obediência de fé em todas as nações, em favor do nome dele*. Ao nome de Jesus – *Senhor* (cf. Flp 2,11) – são devidas tanto a graça do apostolado de Paulo, como a obediência da fé dos que assim o reconhecem e confessam.

^f Ao contrário de quase todas as outras cartas a comunidades (exceto Gl), Paulo não a dirige à Igreja, mas aos cristãos de Roma. Eles estavam divididos por várias comunidades, na sequência das diversas sinagogas que já ali existiam, sem uma estrutura que as unisse numa Igreja de Roma. Também se dirige aos cristãos de origem pagã, talvez por serem maioritários, depois de o imperador Cláudio ter expulsado os de origem judaica e, sobretudo, porque Paulo era, por vocação, apóstolo (prioritariamente) dos gentios (cf. Gl 1,16; 2,7.9).

^g Como noutras cartas, também aqui Paulo informa os destinatários da ação de graças que por eles dirige a Deus. Este é mais um modo de cativar a atenção e o interesse pelo conteúdo a expor, adaptando-se igualmente a destinatários que não conhece. Para o efeito, reduz ao mínimo a ação de graças (v.8), e junta-lhe uma longa referência à oração de prece, não diretamente por eles, mas por si próprio, para que se concretize o propósito, já antigo, de os visitar (vv.9-17). Além disso insere já, nos motivos da ação de graças e da prece, o conteúdo da carta: o evangelho, proclamado em todo o mundo, como a fé dos cristãos (v.8), e referido explicitamente no início e no fim da prece (vv.9.15), antes de ser resumidamente apresentado, no seu conteúdo, como tema de toda a carta (vv.16s). Na prática, é por ele – como atividade evangelizadora (vv.8-15) e conteúdo salvífico (vv.16s) – que Paulo dá graças e reza a Deus.

^h Lit.: *porque a vossa fé é anunciada*.

a quem presto culto com meu espírito, por meio do evangelho do seu Filho – é minha testemunha de como constantemente me lembro de vós,¹⁰ pedindo sempre nas minhas orações para que, se Deus quiser, possa finalmente ir ter convosco^a.¹¹ De facto, desejo vivamente ver-vos, a fim de convosco partilhar um dom espiritual, que vos fortaleça,¹² ou melhor, para que entre vós seja confortado pela fé que temos em comum, a vossa e a minha.¹³ Não quero que vós, irmãos, ignoreis que muitas vezes me propus ir ter convosco, mas que até agora tenho sido impedido de o fazer. O meu propósito era o de, também entre vós, recolher algum fruto, tal como o fiz entre os outros gentios.¹⁴ Tenho um dever para com gregos e bárbaros, para com sábios e ignorantes.¹⁵ Daí o meu propósito de anunciar o evangelho também a vós, que estais em Roma.

Tese geral da carta

¹⁶Eu, de facto, não me envergonho do evangelho^b, pois ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que acredita: do judeu, em primeiro lugar, mas também do grego.¹⁷ Pois é no evangelho^c que se revela a justiça de Deus^d, que vem da fé e conduz à fé^e, tal como está escrito: *O justo viverá pela fé*.

I. SECÇÃO QUERIGMÁTICO-DOCTRINAL (1,18-11,36)

Revelação da ira e justiça divinas (1,18-4,25)

A condenação de todo o pecado

¹⁸Com efeito, a ira de Deus^g revela-se a partir do céu contra toda a espécie de impiedade e de injustiça dos homens, que aprisionam a verdade na injustiça.¹⁹ Pois

^a Lit.: *se de alguma forma, finalmente, sou conduzido por um bom caminho, na vontade de Deus, a ir ter convosco*. Trata-se, pois, de um velho sonho de Paulo, que, por razões (ainda) não explícitas, foi impedido de realizar (v.13). Só em 15,19-22 as dirá.

^b Paulo não diz porque não se envergonha. De várias hipóteses, será de preferir a que mais se prende com o conteúdo da carta: a rejeição do evangelho pelos concidadãos judeus (caps. 9-11).

^c Lit.: *nele*.

^d No mundo antigo, a *justiça* referia-se principalmente ao conjunto de leis que regia a comunidade, e à aplicação em tribunal dessas normas. Paulo utiliza tanto o substantivo (*justiça/justificação*), como o verbo (*justificar*) para traduzir uma nova noção de justiça, com raízes no AT, que consiste na exclusiva ação da graça de Deus que, através de Jesus Cristo, oferece ao homem, condenado à morte pelo pecado, a salvação. Neste sentido, a justificação acontece por absoluta gratuidade de Deus, e não pelo mérito (o cumprimento das obras da Lei). Assim, o termo *justiça/justificação* assenta numa reflexão sobre o ato em si, e sobretudo sobre a ação de Deus e como ela conduz o pecador à salvação. Não existe no grego *dikaioýnē* uma distinção lexical entre o conceito de *justiça* e de *justificação*; esta é já o resultado de uma evolução semântica, resultante da teologia paulina, que criou uma distinção entre *justiça* (quando se refere à ação de Deus propriamente dita) e *justificação* (quando se refere ao efeito salvífico dessa ação no pecador).

^e Lit.: *da fé para a fé*.

^f Hab 2,4. Com um vocabulário ligado ao campo semântico da justiça, os vv.16s apresentam a tese da carta: a fé é a única condição para a salvação.

^g *Ira de Deus* é um modo de exprimir a condenação do pecado. É o reverso da justiça do evangelho, fonte de salvação para todo o crente (1,16s). Deus condenará toda a *impiedade e injustiça*, por serem

aquilo que se pode conhecer de Deus é, entre eles, bem manifesto, visto que Deus lho manifestou.²⁰ De facto, desde a criação do mundo que as qualidades invisíveis de Deus^h, ou seja, o seu eterno poder e a sua divindadeⁱ, podem ser claramente percebidas^j por meio das obras que Ele realizou^k. Por isso, eles não têm desculpa,²¹ porque, embora tivessem conhecido a Deus, não o glorificaram nem lhe deram graças como Deus; pelo contrário, perderam-se nos seus vãos pensamentos e obscureceu-se o seu insensato coração.²² Alegando ser sábios, tornaram-se loucos²³ e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens que representam seres humanos corruptíveis^l, aves, quadrúpedes e répteis^m.

²⁴ Por isso, de acordo com as paixões dos seus corações, Deus entregou-os à impureza, a ponto de desonrarem entre eles os próprios corpos.²⁵ Foram estes que trocaram a verdade de Deus pela mentira: veneraram e prestaram culto à criatura em vez de ao Criador, que é bendito pelos séculos! Amen.

²⁶ Por isso Deus os entregou a paixões infames. Pois, assim como as suas mulheres trocaram as relações naturais pelas que são contrárias à natureza,²⁷ também os homens, de modo semelhante, abandonando a relação natural com a mulher, se inflamaram de desejo uns pelos outros, cometendo, homens com homens, atos vergonhosos e recebendo, em si próprios, a recompensa devida pela sua perversão.

²⁸ E uma vez que não consideraram como seu dever chegar ao conhecimento de Deusⁿ, Deus entregou-os a um modo de pensar tão indigno que cometem ações indecentes;²⁹ estão cheios de todo o género de injustiça, maldade, ganância e malícia; estão repletos de inveja, homicídio, discórdia, falsidade e malvadez; são intriguistas,³⁰ maldizentes, inimigos de Deus, injuriosos, soberbos, vaidosos, engenhosos no mal, desobedientes aos pais,³¹ insensatos, desleais, insensíveis e sem misericórdia.³² E,

contrárias a Ele e ao homem e impedirem que Ele seja conhecido, na verdade do seu ser divino. E, tal como na justiça, também a condenação atinge a todos, gentios e judeus. Ou seja, Paulo retoma e fundamenta aqui, pela negativa, a afirmação dos vv.16s e, ao mesmo tempo, introduz o tema desenvolvido em 1,19-3,20 e resumido em 3,21-23.

^h Lit.: *as coisas invisíveis dele*.

ⁱ Também em Sb 13,1-9 se fala da possibilidade de conhecer a Deus através da criação, mas com uma diferença: segundo Sb, não houve esse conhecimento, mas apenas a substituição do Criador pelas suas criaturas, passando o homem a idolatrá-las; segundo Paulo, pelo contrário, os homens conheceram realmente a Deus pelas suas obras na criação e na história, mas sem efeitos na sua conduta. E esta é a prova de culpa do seu pecado: a rejeição do Deus que conheceram, caindo na idolatria (vv.21c-23), um pecado que está na origem de todos os outros, expostos numa alternância entre culpa humana (vv.22s.25.28a) e castigo divino (vv.24.26s.28b-31, todos introduzidos pela fórmula: *por isso Deus os entregou*).

^j Lit.: *vistas de cima*.

^k Lit.: *nas criações*.

^l Lit.: *em imagem semelhante de homem corruptível*.

^m Paulo evoca a crítica do salmista ao episódio do vitelo de ouro (Sl 106,20) para incluir os israelitas no grupo dos pecadores. Pretende com isto mostrar que judeus e não judeus são todos pecadores, não havendo diferença entre eles. A partir daqui Paulo mostra a imparcialidade divina: Deus reage sempre à ação humana de modo contundente e inexorável.

ⁿ Lit.: *ter Deus no conhecimento*.

embora reconheçam os justos preceitos de Deus, segundo os quais aqueles que fazem tais coisas são merecedores de morte, eles não só praticam estas mesmas coisas como aprovam aqueles que as fazem.

2 O julgamento pelas obras e a imparcialidade de Deus

¹Por isso, não tens desculpa, ó homem que te pões a julgar – sejas tu quem fores^a. Porque tu, que te pões a julgar, a ti próprio te condenas ao julgar o outro, visto que praticas as mesmas ações^b. ²Ora, nós sabemos que o juízo de Deus contra aqueles que praticam tais coisas decorre de acordo com a verdade. ³E tu – ó homem que te pões a julgar os que praticam tais atos, enquanto fazes o mesmo – pensas tu que escaparás ao juízo de Deus? ⁴Ou será que desprezas a riqueza da sua bondade, da sua indulgência e da sua paciência, ao ignorares que a bondade de Deus te quer conduzir à conversão? ⁵Com a tua obstinação e o teu coração que se recusa converter, estás a acumular ira contra ti próprio, para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, ⁶que *retribuirá a cada um segundo as suas obras*: ⁷a vida eterna para aqueles que, sendo perseverantes na prática do bem, procuram a glória, a honra e a incorruptibilidade; ⁸mas a ira e a cólera para aqueles que, por ambições egoístas, desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. ⁹Haverá tribulação e angústia para todo o homem^d que pratica o mal – para o judeu, em primeiro lugar, e também para o grego; ¹⁰mas sobrevirá glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem – para o judeu, em primeiro lugar, e também para o grego. ¹¹É que para Deus não há aceção de pessoas^e.

¹²Com efeito, todos aqueles que sem a Lei pecaram, também sem a Lei hão de perecer; e todos aqueles que sob a Lei pecaram, por meio da Lei serão julgados. ¹³Pois não são aqueles que ouvem a Lei que são justos perante Deus; pelo contrário, os que cumprem a Lei é que serão justificados^f. ¹⁴Quando os pagãos, que não têm Lei, acabam por cumprir por inclinação natural o que é próprio da Lei, eles, apesar de não terem Lei, estão a ser lei para si próprios. ¹⁵Mostram, assim, que as obras da Lei estão inscritas nos seus corações, pois contam com o testemunho da sua consciência,

^a Paulo inicia aqui um diálogo com uma personagem fictícia (típica da diatribe) que, para já, apenas identifica como juiz que condena os pecados referidos antes (1,18-32).

^b Lit.: *pois nisto julgas o outro, condenas a ti próprio, pois julgando praticas o mesmo*.

^c Pr 24,12; Sl 62,13.

^d Lit.: *para toda a alma do homem*; trata-se de um hebraísmo, em que *alma* se refere ao ser humano enquanto vivo e o determinativo tem um sentido adjectival.

^e Deus pune quem faz o mal e quem o pretende fazer. O Senhor olha o coração, e avalia as intenções que nele existem (v.15s). Por isso é imparcial e justo, pois só Ele conhece o íntimo de cada ser humano. Neste cap., Paulo aborda a relação entre o agir e a intenção do coração, com a finalidade de chamar a atenção para a realidade em que todos são iguais aos olhos de Deus: a da circuncisão interior, ou seja, a de um íntimo onde a vontade de Deus habita.

^f Paulo pretende mostrar que a justificação é realizada da mesma maneira para todos. Para tal, e de forma a mostrar que todos são pecadores, retoma citações bíblicas e ideias judaicas sobre a retribuição, a justiça e a forma de agir divinas.

bem como dos seus pensamentos que, consoante os casos, os acusam ou defendem^g – ¹⁶isto no dia em que Deus há de julgar o que está oculto nos homens, de acordo com o meu evangelho, por meio de Jesus Cristo^h.

A condenação dos judeus

¹⁷Mas como é que tu - que te chamas judeuⁱ, que te apoias na Lei e te glorias em Deus, ¹⁸que conheces a sua^j vontade e que, tendo sido instruído na Lei, sabes discernir o que é melhor, ¹⁹que a ti próprio te convenceste de que és guia de cegos, luz dos que vivem nas trevas, ²⁰educador dos insensatos e mestre dos simples^k, por possuíres o conhecimento e a verdade que têm na Lei a sua expressão^l – ²¹como é que tu, assim sendo, ensinas os outros e não te ensinas a ti próprio? Como é que proclamas que não se deve roubar, e roubas? ²²Como é que dizes que não se pode cometer adultério, e cometes adultério? Como é que abominas os ídolos, e saqueias os seus templos^m? ²³Tu, que te glorias na Lei, desonras a Deus com as transgressões da Lei! ²⁴Com efeito, tal como está escrito, *é por vossa causa que o nome de Deus é blasfemado entre os pagãosⁿ.*

²⁵De facto, se praticas a Lei, a circuncisão é proveitosa; mas se és um transgressor da Lei, a tua circuncisão torna-se incircuncisão^o. ²⁶Ora, se o incircunciso guarda os justos preceitos da Lei, não terá a sua incircuncisão de ser considerada circuncisão? ²⁷E o incircunciso que, por inclinação natural, cumpre a Lei, há de julgar-te, a ti que, por meio da letra da Lei^p e^q da circuncisão, acabas por ser um transgressor da Lei. ²⁸De facto, ser judeu não está naquilo que se vê exteriormente, nem a circuncisão consiste naquilo que se vê na carne; ²⁹pelo contrário, ser judeu é sê-lo interiormente,

^g Lit.: *A sua consciência testemunhando, juntamente com os pensamentos uns dos outros, que acusam ou também defendem.* A «lei não escrita», assim chamada pela filosofia popular da época, está, segundo Paulo, *escrita nos corações*, que, no pensar judaico, é a sede das intenções e decisões. Na mesma linha, a *consciência* era vista como o tribunal que, sem influência da vontade do homem, julga a moralidade das suas ações, atuando como acusação e defesa, testemunha e juiz.

^h Alguns mss. acrescentam *nosso Senhor*.

ⁱ Na sequência da tese iniciada antes, de que nem os judeus estão livres da condenação divina (2,1-16), Paulo desmonta agora os privilégios que poderiam supostamente ilibá-los disso: a Lei (2, 17-24) e a circuncisão (2,25-29), constitutivos e identificativos do ser judeu.

^j *Sua* é acrescido da tradução.

^k Lit.: *mestre de infantis*.

^l Lit. *tendo a forma do conhecimento e da verdade na Lei*.

^m Possível referência à hipocrisia dos judeus que consideram ficar contaminados pelo contato com os ídolos ou tudo aquilo que lhes diz respeito, mas que não têm pejo em ficar com os despojos dos templos, sem votar tudo à destruição, como é ordenado na Lei (Dt 7,25s; 12,29-31; 17,1; 29,15-17; 1Rs 14,24).

ⁿ Is 52,5

^o Lit.: *prepúcio* (também nos vv.26s); o sentido metonímico faz com que a palavra seja normalmente traduzida por *incircuncisão* ou *incircunciso*.

^p *Da Lei* é acrescido da tradução.

^q O e poderá também ter um valor explicativo: *isto é, da circuncisão*.

e a circuncisão que conta^a é a do coração, no Espírito e não na letra; esse é o tipo de pessoa que merece louvor^b, não dos homens, mas de Deus.

3 A utilidade da circuncisão

¹Que vantagem tem, então, o judeu? Ou que utilidade tem a circuncisão? ²Muita, e em todos os sentidos. Primeiro que tudo, porque lhe foram confiadas as palavras de Deus. ³Que importa, então, se alguns foram infiéis? Irá, por ventura, a sua infidelidade anular a fidelidade de Deus? ⁴De modo nenhum! Pelo contrário, fique bem claro que Deus é verdadeiro, enquanto todo o homem é mentiroso, tal como está escrito: *Para que sejas reconhecido como justo nas tuas palavras e saias vitorioso quando fores julgado^c.*

⁵Mas, se a nossa injustiça serve para mostrar a justiça de Deus, que diremos? Será que Deus é injusto – e falo segundo critérios humanos – pelo facto de descarregar a sua ira? ⁶De modo nenhum! De outra maneira, como poderia Deus julgar o mundo? ⁷Mas se, pela minha mentira, abundou a verdade de Deus, para a sua glória, porque sou também eu ainda julgado como pecador? ⁸Não seria, pois, caso para agirmos conforme aquilo de que somos caluniados, ou seja, conforme aquilo que certa gente afirma que nós defendemos: «Façamos o mal, para que nos^d advenha o bem»? São esses o que merecem a condenação!

A sujeição de todos ao pecado

⁹Que dizer, então? Que somos superiores^e? De modo absolutamente nenhum! Pois já antes apresentámos a acusação de que judeus e gregos estão todos sob o domínio do pecado^f, ¹⁰tal como está escrito^g:

Não há um justo, nem um sequer^h,

¹¹*não há ninguém que entenda,
não há quem procure a Deus;*

¹²*todos se extraviaram,*

^a *Que conta* é acrescento da tradução.

^b Lit.: *dele [é] o louvor.*

^c Palavras dirigidas a Deus pelo penitente, na sequência da confissão: *Só contra ti eu pequei e fiz o mal diante de ti* (Sl 50,6a LXX).

^d *Nos* é acrescento da tradução.

^e A pergunta deve-se à difícil conciliação de duas anteriores afirmações de Paulo sobre os judeus: por um lado, nega que a Lei e a circuncisão os livre da condenação divina, uma vez que Deus se guia pela prática, ou não, das normas da Lei (2,25-29); por outro, reconhece-lhes o privilégio único de terem a Palavra em que Deus se manifesta (3,1-8). A solução é oferecida por essa mesma Palavra, citada em 3,10b-18: as prevaricações aí referidas são comuns a judeus e a gentios. Conclusão: a Lei apenas mostra como ela própria é rejeitada (pelo pecado).

^f Lit.: *sob pecado*. Cf. 1,18-2,24. Paulo entende o *pecado*, não apenas como uma ação pecaminosa individual, mas sobretudo como um poder supra individual, que pode dominar a existência humana.

^g As citações seguintes constituem o chamado «florilégio» ou «antologia», neste caso de textos bíblicos, cuja autoridade é, por isso, incontestável.

^h Co 7,20 e Sl 14,1-3.

*juntos se corromperamⁱ;
 não há quem faça o bem,
 não há, nem um que seja.*

¹³*A sua garganta é um túmulo aberto,
 com as suas línguas tecem enganos;
 é veneno de víboras o que se encontra sob os seus lábios^k.*

¹⁴*A sua boca está cheia de maldição e de azedume^l,*

¹⁵*velozes são os seus pés quando se trata de derramar sangue^m;*

¹⁶*há ruína e miséria nos seus caminhos,*

¹⁷*e o caminho da paz, não o conheceram;*

¹⁸*não há temor de Deus diante dos seus olhosⁿ.*

¹⁹Mas nós sabemos que tudo quanto diz a Lei, di-lo para aqueles que estão sob o domínio da Lei^o, a fim de que toda a boca se cale e todo o mundo se reconheça culpado diante de Deus. ²⁰Por isso, pelas obras da Lei ninguém^p será diante dele justificado; pois por meio da Lei apenas advém o reconhecimento do pecado^q.

A justificação pela fé

²¹Agora, porém, foi independentemente da Lei que se manifestou a justiça de Deus^r, testemunhada pela Lei e pelos profetas^s: ²²a justiça de Deus que vem^t pela fé em Jesus Cristo, para todos aqueles que acreditam. Com efeito^u, não há distinção alguma, ²³visto que todos pecaram e estão privados da glória de Deus, ²⁴sendo, por puro dom, justificados pela sua graça, por meio da redenção realizada em Cristo

ⁱ Lit.: *juntamente foram tornados inúteis*.

^j Sl 5,10 (LXX).

^k Sl 139,4 (LXX).

^l Sl 10,7.

^m Is 59,7s e Pr 1,16.

ⁿ Sl 35,2 (LXX).

^o Lit.: *na Lei*.

^p Lit.: *toda a carne*; trata-se de um hebraísmo para falar dos seres vivos na sua condição de criatura (cf. 6,12; Dn 2,11).

^q O facto de a Lei não poder justificar ninguém revela a insuficiência do sistema mosaico, pois ela não impede de se continuar a ser pecador; ora, se Deus olhasse só para as obras exteriores não seria justo. Paulo separa completamente a justiça divina da Lei.

^r Sobre o conceito de justiça/justificação, cf. 1,17 nota.

^s *Lei* tanto pode referir-se ao conjunto de normas a pôr em prática, como à Lei escrita (a Torá). Enquanto na primeira aceção dá lugar à fé em Cristo como meio para Deus nos fazer justos, na segunda ela mantém-se válida, já que Deus, ao justificar-nos pela fé, realiza o que Ele próprio afirma na Escritura (do AT). Por isso o *agora* com que inicia este v. não tem um sentido propriamente histórico, mas um conteúdo predominantemente salvífico (o da justificação pela fé e não pelas obras impostas pela Lei).

^t *Que vem* é acrescento da tradução.

^u Paulo desenvolve a partir daqui a tese dos vv.21-22a, procurando argumentar até 4,22 que ninguém é justificado pelas obras da Lei. Deste modo, o apóstolo separa completamente a justiça divina da justiça da Lei, o que torna esta argumentação impossível de aceitar para um interlocutor judeu.

Jesus. ²⁵Foi Ele que, pelo seu sangue, Deus constituiu como meio de propiciação^a, que opera^b mediante a fé; deste modo Deus^c mostrou a sua justiça, ao perdoar os pecados cometidos outrora^d, ²⁶no tempo da divina indulgência^e. Mostrou assim a sua justiça no tempo presente, não só para ser justo, mas também para justificar quem vive a partir da fé em Jesus^f. ²⁷Onde está, então, o motivo para alguém se gloriar^g? Foi eliminado. Por meio de que lei? A das obras? Não! Pelo contrário, foi por meio da lei da fé^h. ²⁸Com efeito, nós consideramos que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da Lei. ²⁹Ou será que Deus o será apenas dos judeus? Não o será também dos pagãos? Sim, Ele também o é dos pagãos, ³⁰visto que há um só Deus, que justificará os circuncisos a partir da fé e os incircuncisosⁱ por meio da fé. ³¹Será, então, que por meio da fé anulamos a Lei? De maneira nenhuma! Pelo contrário, confirmamos a Lei.

4 Abraão, modelo da fé

¹Que diremos, então, de Abraão, nosso primeiro pai^k segundo a carne^l? Que obteve ele? ²É que se Abraão^m foi justificado pelas obras, terá um motivo para se glo-

^a Ou, como em Hb 9,5, *propiciatório* (em vez de *meio de propiciação*). Trata-se da cobertura dourada da arca da aliança (guardada no templo de Jerusalém), que, na Festa da Expição (*Yom Kippur*), era aspergida com o sangue dos sacrifícios de expiação, para o perdão dos pecados. Neste caso, parece ser aplicado à morte de Jesus em sentido metonímico: o concreto (*propiciatório*) pelo abstrato (*propiciação*). De qualquer modo, é *mediante a fé* que a morte de Jesus é reconhecida – a fé que nasce do amor com que Deus acolhe a oferta do seu Filho na cruz e que, deste modo, a todos salva.

^b *Que opera* é acrescentado da tradução.

^c *Deus* é acrescentado da tradução.

^d Lit.: *para demonstração da sua justiça, por causa do ato de passar por cima dos pecados antes acontecidos*.

^e Lit.: *na indulgência de Deus*.

^f Alguns mss. mais tardios acrescentam *Cristo*.

^g Lit.: *onde pois a vanglória?* A pergunta refere-se às prerrogativas de que os judeus se gloriavam – Lei e circuncisão (cf. 2,17-3,1) – e tem no seu horizonte a ideia de que a sua substituição pela fé em Cristo é o único caminho para a salvação (cf. 3,21-26). A substituição decorre da incapacidade de o pecador cumprir a Lei (cf. 3,9-20) e, sobretudo, no próprio agir e ser de Deus: além de, na morte de Cristo, oferecer a salvação pelo perdão dos pecados (cf. 3, 24s), Ele é único e, por isso, é de todos e para todos, judeus e gentios.

^h *Lei da fé* tem dois sentidos complementares (cf. 3,21, nota): a fé é lei ou condição, oferecida por Deus e livremente aceite pelo homem para se salvar; a Lei é o livro (bíblico) que já fala da fé como único caminho de salvação e de cumprimento das normas da Lei. Por isso a Lei, em vez de anulada, foi confirmada (v.31; cf. 4,1ss; 8,1ss).

ⁱ Lit.: *circuncisão (...) incircuncisão* (cf. 2,25 nota).

^j O cap.4 está dividido em duas partes: vv.1-12 (Abraão, o pai na fé); vv.13-25 (a promessa feita ao justo). Nos vv.1-8 desenvolve uma *gezerah shavuah* (técnica de exegese rabínica que relaciona duas ou mais passagens da Escritura) de Gn 15,6 e o Sl 31,1-2 (LXX) a partir do verbo *dizer*.

^k Em mss. mais tardios este título de *primeiro pai* (ou *antepassado*) foi substituído pelo título de *pai*, designação comum de Abraão no NT (cf. Lc 16,24,30; Jo 8,53; At 7,2).

^l Paulo inicia neste v. a fundamentação bíblica da tese exposta atrás (3,21-31): Deus torna justo os sers humanos, não pelas obras da Lei, que é impossível praticar em todas as suas determinações, mas pela fé em Jesus Cristo que por eles deu a vida. Que isso está de acordo com a Lei (entendida como escrito bíblico – cf. 3,21,31 notas), já Paulo o afirmara em 3,31. Prova-o agora por meio de Abraão, porque a sua história faz parte do livro do Gn (o primeiro livro da Lei) e porque nele já se tinham fundamentado os judeo-cristãos que defendiam a obrigatoriedade da circuncisão para se ser cristão (cf. Gl 3,6ss). Para isso, baseavam-se em Gn 17, onde a circuncisão é apresentada como *sinal da aliança* (Gn 17,11) e pela qual Deus faz de Abraão *pai de inúmeros povos* (Gn 17,5). A esta ideia Paulo contrapõe Gn 15, um texto anterior ao da circuncisão: neste, a aliança baseia-se na fé de Abraão, que *lhe foi tida em conta como justiça* (Gn 15,6). E, tal como a aliança, é também na fé que se baseia a promessa de ser pai de inúmeros povos.

^m Paulo passa a apresentar Abraão numa perspectiva oposta à da tradicional visão meritocrática judaica (cf. 1Mac 2,52; Sir 44,19-21; *ApAbr* 9,6; *Test.Abr* 1,16; 2,3,6; 8,24; 15,12; 16,5,9; *CD* 3,2; 4Q252, 2,5,8).

riar, mas não diante de Deus! ³Com efeito, que diz a Escritura? *Abraão acreditou em Deus, e isso foi-lhe tido em conta como causa para a justificação*. ⁴Ora, o salário que é atribuído a quem faz determinada obra não é tido em conta como um favor, mas como uma obrigação; ⁵porém, àquele que, mesmo sem fazer obra alguma, acredita em quem justifica o ímpio, a sua fé é-lhe tida em conta como causa para a justificação. ⁶De igual modo, também David fala da felicidade do homem cuja justiça Deus tem em conta, independentemente das obras:

⁷*Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas
e cujos pecados foram cobertos;*

⁸*feliz o homem cujo pecado o Senhor não tem em conta*.^o

⁹Ora, esta felicidade dirá respeito apenas aos circuncisos ou, pelo contrário, também aos incircuncisos? É que dizemos: *a fé foi tida em conta para Abraão como causa para a justificação*.^a ¹⁰Mas foi-lhe tida em conta em que sentido? Quando era circunciso ou incircunciso? Não foi quando já era circunciso, mas antes de o ser.

¹¹De facto, ele recebeu o sinal da circuncisão como marca que sela a justificação que advém da fé, a fé que ele tinha quando ainda era incircunciso. E isto para que ele fosse o pai de todos os que, entre os incircuncisos, acreditam, a fim de que, também em relação a eles, isso lhes seja tido em conta como causa para a justificação, ¹²e igualmente o pai dos circuncisos, daqueles que não só provêm da circuncisão, mas que também se mantêm nas pegadas da fé do nosso pai Abraão, quando ainda era incircunciso^f.

¹³De facto, não foi por meio da Lei, mas por meio da justificação que vem da fé, que a Abraão ou à sua descendência foi feita a promessa de que ele se tornaria herdeiro do mundo^g. ¹⁴Pois se os herdeiros fossem aqueles que provêm da Lei, a fé tornar-se-ia vã, e a promessa ficaria sem efeito. ¹⁵É que a Lei provoca a ira; ao passo que, onde não há Lei, também não há transgressão. ¹⁶Portanto, é pela fé que alguém se torna herdeiro^h, a fim de que tal aconteça de acordo com a graça, e de que a promessa seja assegurada a toda a descendência, não apenas àquela que provêm da Lei, mas também à que provêm da fé de Abraão, que é pai de todos nós, ¹⁷tal como está escrito: *fiz de ti pai de muitas nações*ⁱ. Ele é o nosso pai^v perante Deus, em quem acre-

ⁿ Gn 15,6. Citado em Gl 3,6, é, lá como aqui, o texto de contínua referência no resto da exposição.

^o Sl 31,1-2a (LXX). A citação do Sl ajuda Paulo a sublinhar a ideia de que o pecador é quem menos se pode justificar perante Deus pelas obras que pratica. É por isso que ao perdão corresponde a justiça pela fé e não pelas obras.

^p Lit.: *circuncisão (...) incircuncisão* (o mesmo nos vv.10-12; cf. 2,25 nota).

^q Gn 15,6.

^r Mesmo em relação aos judeu-cristãos, não foi pela circuncisão, mas pela fé que foram justificados por Deus. À circuncisão Paulo junta, de seguida (3,13-18), duas outras prerrogativas dos judeus: a Lei e a promessa da paternidade universal de Abraão (já referidas em 3,1-20). Também elas de nada valem sem a fé, que é a resposta humana à graça divina.

^s Nos vv.13-18 Paulo tenta ultrapassar a objeção de Gn 17,10-14.

^t *Que alguém se torna herdeiro* é acrescento da tradução.

^u Gn 17,5.

^v *Ele é o nosso pai* é acrescento da tradução.

ditou, Aquele que dá vida aos mortos e chama à existência aquilo que não existe^a.
¹⁸Foi com uma esperança que ia contra toda a esperança que ele acreditou vir a ser pai de muitas nações, de acordo com o que lhe^b tinha sido dito: «*Assim será a tua descendência*»^c. ¹⁹E, sem vacilar na fé, não tomou em consideração o facto de o seu corpo estar a morrer – pois já tinha cerca de cem anos – nem o de o ventre de Sara já não ter vitalidade^d. ²⁰Perante a promessa de Deus, não se deixou, por falta de fé, abalar pela dúvida; pelo contrário, deixou-se fortalecer pela fé, dando glória a Deus, ²¹plenamente convicto de que Ele era capaz de realizar aquilo que tinha prometido. ²²Foi por isso que tal *lhe foi tido em conta como causa para a justificação*^e.
²³Mas não foi só por causa dele que foi escrito: *foi-lhe tido em conta*^f; ²⁴foi também por causa de nós, a quem a fé^g será tida em conta, a nós que acreditamos naquele que ressuscitou dos mortos, Jesus, nosso Senhor, ²⁵Ele que foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação.

A salvação dos crentes no presente (5,1–8,39)

5 A esperança cristã

¹Portanto, tendo sido justificados pela fé, estamos em paz^h com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristoⁱ. ²Foi também por meio dele que, pela fé, tivemos acesso^j a esta graça na qual estamos firmes e nos gloriamos, assentes^k na esperança da glória de Deus. ³Mais ainda: gloriamo-nos também nas tribulações, por sabermos

^a Lit.: *chamando as coisas não existentes como existentes*.

^b *Lhe* é acrescento da tradução.

^c Gn 15,5. Paulo passa a expor a fé de Abraão (3,18-22), uma fé que vai crescendo à medida das provações a que é sujeita. Quanto menos pode o homem, mais lugar há para o poder de Deus.

^d Lit.: *nem a morte do ventre de Sara*.

^e Gn 15,6

^f A fé de Abraão corresponde a fé dos cristãos no mesmo Deus que *dá vida aos mortos* (v.17), neste caso pela ressurreição de Cristo (v.24). Trata-se do evangelho na sua dupla face (v.25): a libertação da morte e do pecado, e a vida pela ressurreição e pela justificação.

^g *A fé* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *temos paz*.

ⁱ Nesta segunda secção (5,1-8,39), Paulo passa a usar argumentos cristológicos, que não tinha usado na secção anterior (1,18-4,25). O apóstolo começa, em 5,1-11, por expor, à luz do conteúdo anterior, o presente salvífico dos cristãos, em contraste com o seu passado (anterior a Cristo e à fé no seu evangelho: cf. 1,18-3,20), na perspetiva da sua futura consumação. No presente estão *justificados* (vv.1-9), *reconciliados* (v.10), *em paz com Deus* (v.1), e animados pela *esperança* (vv.2.4.5) em que *se gloriam* (vv.2.3). No passado eram *fracos*, *ímpios* (v.6), *pecadores* (v.8) e *inimigos* (v.10). Para o futuro têm a fundada esperança de, em vez de serem condenados pela ira de Deus (v.9s), poderem participar plenamente da sua glória (vv.2.11). Autor de todo este processo é Deus, no *amor* manifestado sobretudo na morte redentora de seu Filho Jesus Cristo (vv.6-10; cf. 3,24s) e derramado no coração de cada crente pelo seu Espírito (v.5). Do mesmo amor, na sua gratuidade (v.2), nasce a adesão de fé, como imprescindível resposta humana ao evangelho (v.1s; cf. 4,1ss).

^j A noção de *acesso* ou aproximação a Deus provém da linguagem cultural do AT (cf. Lv 3,1.7.12; 6,7; 7,8; 14,12; 19,21; Nm 7,3; Ex 29,10; 40,12).

^k *Assentes* é acrescento da tradução.

que a tribulação gera perseverança; ⁴a perseverança, firmeza; e a firmeza, esperança. ⁵Ora, a esperança não desilude, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi concedido.

⁶De facto, foi quando ainda éramos fracos que, no tempo estabelecido, Cristo morreu pelos ímpios. ⁷Difícilmente alguém morrerá por um justo; quando muito, talvez alguém ousasse morrer por um homem bom^l. ⁸Ora, é assim que Deus prova o seu amor para connosco: foi quando ainda éramos pecadores que Cristo morreu por nós. ⁹Pois bem, com muito maior razão, agora que fomos justificados pelo seu sangue, seremos, por seu intermédio, salvos da ira divina^m. ¹⁰Se, com efeito, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus por meio da morte do seu Filho, com muito maior razão, uma vez reconciliados, seremos salvos pela sua vida. ¹¹Mas ainda: gloriamo-nos também em Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual recebemos agora a reconciliação.

Comparação Adão - Cristo

¹²Por issoⁿ, assim como por causa de um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, visto que todos pecaram^o. ¹³Antes da Lei já havia pecado no mundo e, ainda que o pecado não possa ser imputado se não houver Lei, ¹⁴a morte, no entanto, reinou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não tinham pecado com uma transgressão semelhante à de Adão, que é figura daquele que havia de vir.

¹⁵Mas o que acontece com a graça não é como o que sucede com a falta. Pois se, pela falta de um só, todos^p morreram, com muito maior razão a graça de Deus, dom contido na graça de um só homem, Jesus Cristo, a todos foi concedida em abundância. ¹⁶E também com o dom não acontece o que sucedeu com o pecado cometido por um só. Pois o julgamento que levou à condenação adveio de um só, ao passo que a ação da graça, que leva à justificação^q, adveio de muitas faltas. ¹⁷Com efeito, se foi pela falta de um só e por meio de um só que a morte reinou, com muito maior razão reinarão na vida aqueles que recebem a abundância da graça e do dom da justificação por meio de um só, Jesus Cristo.

^l Lit.: *pelo bom*.

^m *Divina* é acrescento da tradução.

ⁿ O apóstolo desenvolve o tópico da secção anterior: a mediação de Cristo no processo salvífico conduzido por Deus (cf. 5,1.2.9.10.11.17.18.19.21). Partindo da demonstração de que a Torá nada alterou na condição recebida de Adão, Paulo acentua a universalidade do pecado e da salvação e, contrapondo Cristo a Adão, sublinha sobretudo que é muito mais o que os diferencia.

^o A relação entre *pecado* e *morte* baseia-se na conceção antropológica subjacente, por exemplo, a Gn 2,7.17: se o ser humano se torna vivo pelo sopro de Deus, ao separar-se dele pelo pecado, deixa também de viver. Neste caso, a morte é vista num sentido amplo: como uma perda da vida divina de que a morte corporal é apenas uma parte.

^p Lit.: *os muitos* (duas vezes aqui e no v.19), semitismo que indica a totalidade, tal como os vv.12.18 confirmam.

^q Em grego, a palavra usada (*dikaïōma*) sugere aqui o ato de tornar justo mediante a declaração de inocência ou absolvição (pelo que também é traduzida por *ação justificadora* no v.18).

¹⁸Portanto, assim como pela falta de um só adveio a condenação para todos os homens, assim também pela ação justificadora de um só adveio para todos os homens a justificação que dá a vida^a. ¹⁹Pois assim como pela desobediência de um só homem todos se tornaram pecadores, assim também pela obediência de um só todos se hão de tornar justos.

²⁰Entretanto, sobreveio a Lei, para que a falta se tornasse abundante^b. Mas onde abundou o pecado superabundou a graça, ²¹para que, assim como o pecado reinou na morte, assim também, por meio da justiça, reinasse a graça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor.

6 O ser e o agir do crente em Cristo

¹Que diremos, então?^c Que devemos permanecer no pecado, para que abunde a graça? ²De modo nenhum! Como poderíamos nós, que morremos para o pecado, viver ainda nele? ³Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte? ⁴Com efeito, pelo batismo fomos sepultados com Ele na sua morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós caminhemos numa vida nova.

⁵De facto, se ficámos intimamente unidos^d a Ele por uma morte idêntica à sua, também o ficaremos pela ressurreição^e. ⁶Sabemos que o homem velho que havia em nós foi crucificado com Ele, para que o corpo do pecado fosse destruído e nunca mais fôssemos escravos do pecado. ⁷Com efeito, aquele que morreu ficou justificado, livre^f do pecado. ⁸Ora, se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos, ⁹sabendo que, uma vez ressuscitado dos mortos, Cristo já não pode morrer: a morte já não tem domínio sobre Ele. ¹⁰De facto, ao morrer, Ele morreu para o pecado de uma vez para sempre e, ao viver, vive para Deus. ¹¹Assim, vós também, considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus^g.

¹²Por isso, que o pecado não reine no vosso corpo mortal levando-vos a obedecer aos seus desejos, ¹³nem ofereçais ao pecado os vossos membros como instrumentos

^a Lit.: *justificação de vida*.

^b Esta multiplicação das faltas resulta da transgressão dos vários mandamentos contidos na Lei, o que permitiu ao pecador tomar consciência dessas suas várias transgressões.

^c Esta secção, que vai até 7,6, divide-se em três partes: 1) em 6,1-14 oferece-se o fundamento cristológico à ética do batizado para mostrar que é a união com Jesus que o separa definitivamente do pecado, graças à morte de Cristo para o pecado; 2) em 6,15-23 conclui-se que a libertação do pecado não é uma permissão para a licenciosidade, mas para o serviço; 3) em 7,1-6 apresenta-se um caso prático que prepara 7,7-25.

^d Lit.: *plantados juntamente*.

^e O termo traduzido por *idêntica* indica, quer nos LXX, quer no NT, não apenas uma cópia de algo pré-existente, mas o facto de tal realidade ser efetiva (cf. Ex 20,4; Dt 4,12-25; Sir 31,3; Ez 1,5.22.26; 8,2; 10,1; Dn 3,25; 1Mac 3,48); a morte do cristão torna presente a morte de Cristo e identifica-o com Ele, pré-anunciando a sua identificação com Cristo também na ressurreição futura.

^f *Livre* pretende traduzir a preposição grega *apó*, que aqui exprime uma separação definitiva.

^g Alguns mss. acrescentam *nosso Senhor*.

da injustiça; pelo contrário, ofereci-vos a Deus, como vivos que ressurgiram^h de entre os mortos: ofereci a Deus os vossos membros, como instrumentos da justiça. ¹⁴E o pecado não terá domínio sobre vós, uma vez que já não estais sujeitos a Lei, mas à graça.

A libertação do pecado

¹⁵Que diremos, então? Que podemos pecar, porque não estamos sujeitos a Lei, mas à graça? De modo nenhum! ¹⁶Não sabeis que se vos oferecis a alguém como escravos, passais a ter de lhe obedecer como escravosⁱ, quer seja do pecado que leva à morte, quer seja da obediência que conduz à justificação? ¹⁷Mas graças sejam dadas a Deus, pois, embora fôsseis escravos do pecado, obedecestes de coração àquela forma de ensinamento à qual fostes confiados^j; ¹⁸e, assim, libertados do pecado, tornastes-vos escravos da justiça.

¹⁹Estou a falar segundo critérios humanos, por causa da fraqueza da vossa carne. Do mesmo modo que oferecestes os vossos membros, como escravos, à impureza e à iniquidade, para viverdes na iniquidade^k, ofereci também agora os vossos membros, como escravos, à justiça, para viverdes em santidade^l. ²⁰É que, quando éreis escravos do pecado, éreis livres em relação à justiça^m. ²¹Mas que fruto colhíeis nesse tempo? Coisas de que agora vos envergonhais. De facto, o resultado disso era a morteⁿ. ²²Agora, porém, que fostes libertos do pecado e feitos servos de Deus, colheis o fruto para viverdes em santidade^o, e o resultado é a vida eterna^p. ²³Com efeito, o salário do pecado é a morte, enquanto o dom da graça de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.

7 A libertação da Lei

¹Ou será que não sabeis, irmãos – e falo para gente que conhece a Lei –, que a Lei tem domínio sobre o homem durante todo o tempo em que ele está vivo? ²De facto, pela Lei, a mulher casada está ligada ao marido enquanto este viver; mas, se ele morrer, fica liberta da lei que a unia ao marido^q. ³Portanto, se ela se tornar mulher^r de outro homem enquanto o marido viver, é considerada adúltera; mas, se o marido morrer, fica livre em relação a essa lei, pelo que não será considerada adúltera

^h *Que ressurgiram* é acrescento da tradução.

ⁱ Lit.: *não sabeis que para aquele que vos oferecis vós próprios como servos para obediência, sois servos para aquele a quem obedecéis.*

^j Lit.: *para tipo de ensinamento ao qual fostes entregues.*

^k Lit.: *para a iniquidade.*

^l Lit.: *para santificação* (tal como no v.22).

^m Ou seja, na medida em que estavam vinculados ao pecado e não à justiça.

ⁿ Lit.: *o fim destas coisas [é] morte.*

^o Lit.: *tendes o vosso fruto para santificação.*

^p Lit.: *e o fim [é] vida eterna.*

^q Lit.: *mas se morrer o marido, fica anulada da lei do marido.*

^r *Mulher* é acrescento da tradução em ambas as ocorrências deste v..

no caso de se tornar mulher de outro homem. ⁴Assim, meus irmãos, também vós, por meio do corpo de Cristo, morrestes para a Lei, para pertencerdes a um outro^a, Àquele que ressuscitou dos mortos, a fim de darmos frutos que conduzem a Deus. ⁵Com efeito, quando vivíamos segundo a carne^b, eram as paixões pecaminosas que, suscitadas pela Lei, agiam nos nossos membros, levando-nos a produzir frutos que conduzem à morte. ⁶Mas agora, ao termos morrido para aquilo que nos mantinha prisioneiros^c, fomos libertos da Lei, para servirmos na novidade do Espírito e não na caducidade da letra da Lei^d.

A lei do pecado

⁷Que diremos, então? Que a Lei é pecado? De modo nenhum! E, contudo, eu não conheci o pecado senão por meio da Lei. De facto, não teria conhecido a cobiça se a Lei não tivesse dito: *não cobiçarás*^e. ⁸O pecado aproveitou-se da ocasião dada pelo mandamento e provocou em mim toda a espécie de cobiça. É que, sem a Lei, o pecado está morto. ⁹Eu, outrora, vivia sem a Lei, mas, quando chegou o mandamento, o pecado ganhou vida, ¹⁰e eu morri: o mandamento que me devia conduzir à vida foi quem me conduziu à morte^f. ¹¹Com efeito, o pecado aproveitou-se da ocasião dada pelo mandamento e por meio dele matou-me. ¹²De modo que a Lei é santa, e o mandamento também é santo, justo e bom. ¹³Será então que aquilo que é bom se transformou em morte para mim? De modo nenhum! Pelo contrário, foi o pecado que, para se manifestar como pecado, se serviu daquilo que é bom^g e provocou em mim a morte; fê-lo para ganhar, por meio do mandamento, uma desmesurada força pecaminosa^h.

¹⁴Ora, nós sabemos que a Lei é espiritual, enquanto eu sou carnal, vendido como escravo ao pecadoⁱ. ¹⁵Não consigo compreender aquilo que faço, pois não ponho em prática o que quero e, pelo contrário, faço o que detesto. ¹⁶Se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa. ¹⁷Assim sendo, já não sou eu que o realizo, mas o pecado que habita em mim. ¹⁸Eu bem sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, já que querer o bem está ao meu alcance, mas realizá-lo não está. ¹⁹De facto, não faço o bem que quero, mas ponho em prática o mal que não quero. ²⁰Se eu faço o que não quero, já não sou eu que o realizo, mas o pecado que habita em

^a Lit.: *fostes mortos para a Lei, para serdes para outro*.

^b Lit.: *quando estávamos na carne*.

^c Lit.: *naquilo em que estávamos retidos*.

^d *Da Lei é acrescento da tradução*.

^e Ex 20,17.

^f Lit.: *e foi encontrado para mim o mandamento que [era] para vida, este [foi] para morte*.

^g Lit.: *por meio do bom*.

^h Lit.: *para que o pecado, através do mandamento, se tornasse pecaminoso de acordo com o excesso*.

ⁱ Lit.: *vendido sob o pecado*. O verbo usado em grego evoca, neste contexto, a venda de escravos (cf. Mt 18,25) e o seu antónimo é *comprar*, verbo utilizado por Paulo para falar da redenção realizada por Jesus (cf. 1Cor 6,20; 7,23).

mim. ²¹Por isso, descubro em mim esta lei: ao querer fazer o bem, é o mal que está ao meu alcance. ²²Com efeito, no que respeita ao homem interior, sinto prazer na Lei de Deus, ²³mas, nos meus membros, vejo uma outra lei, que combate contra a lei da minha inteligência e que me torna cativo da lei do pecado que se encontra nos meus membros. ²⁴Que homem miserável eu sou! Quem me livrará deste corpo de morte^k? ²⁵Graças sejam dadas a Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor.

Portanto, e concluindo: sou eu próprio que, por um lado, com a minha inteligência sirvo a Lei de Deus, e por outro, com a minha carne sirvo a lei do pecado.

8 A vida no Espírito

¹Assim, nenhuma condenação existe agora para os que estão em Cristo Jesus^l, ²pois, a lei do Espírito que dá a vida^m em Cristo Jesus libertou-teⁿ da lei do pecado e da morte. ³Com efeito, aquilo que era impossível à Lei, enfraquecida pela carne, Deus fê-lo possível^o: ao enviar o seu próprio Filho em carne semelhante à carne do pecado e, por causa do pecado, condenou o pecado na carne, ⁴a fim de que a justiça requerida pela Lei se cumprisse em nós, que vivemos não segundo os critérios da carne, mas segundo o Espírito^p.

⁵De facto, aqueles que vivem segundo os critérios da carne pensam nas coisas da carne, mas os que vivem segundo o Espírito pensam^q nas coisas do Espírito. ⁶Ora, o modo de pensar da carne conduz à morte, enquanto o modo de pensar do Espírito conduz à vida e à paz^r. ⁷É por isso que o modo de pensar da carne é inimigo de Deus, visto que não se submete à Lei, nem o poderia fazer. ⁸Os que vivem sob o domínio da carne^s não podem agradar a Deus.

⁹Vós, porém, não viveis sob o domínio da carne, mas do Espírito, na medida em que o Espírito de Deus habita em vós. Se alguém não tem o Espírito de Cristo, não lhe pertence. ¹⁰Ora, se Cristo está em vós, o corpo está morto por causa do pecado, mas o Espírito é a vossa^t vida por causa da justiça^u. ¹¹Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Cristo dos mortos também dará vida aos vossos corpos mortais por meio do seu Espírito, que habita em vós.

^l Este é um desabafo do apóstolo perante a incapacidade de fazer sempre o bem.

^k Lit.: *do corpo desta morte*.

^l Vários mss. acrescentam *e que não vivem segundo a carne mas segundo o Espírito*.

^m Lit.: *lei do Espírito da vida*.

ⁿ Alguns mss. apresentam *libertou-nos*, talvez para harmonizar com o v.4.

^o *Fê-lo possível* é acrescento da tradução.

^p Lit.: *não segundo a carne, mas segundo o Espírito*. Cf. 1Cor 1,26 nota.

^q *Pensam* é acrescento de tradução.

^r Lit.: *o pensamento da carne [é] morte, mas o pensamento do Espírito [é] vida e paz*.

^s Lit.: *na carne* (tal como no v. seguinte).

^t *Vossa* é acrescento da tradução.

^u Sobre o conceito, cf. 1,17 nota.

¹²Portanto, irmãos, não somos devedores à carne para que tenhamos de viver segundo os critérios da carne. ¹³Se viverdes segundo os critérios da carne, morrereis; mas se, pelo Espírito, fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis.

A filiação no Espírito

¹⁴Com efeito, todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, esses é que são filhos de Deus. ¹⁵Pois não recebestes um espírito que faça de vós escravos^a para vos conduzir de novo ao medo, mas recebestes um Espírito que vos concede o estatuto de filhos^b e no qual clamamos: «Abbá, ó Pai». ¹⁶É o próprio Espírito que, juntamente com o nosso espírito, dá testemunho de que somos filhos de Deus. ¹⁷Ora, se somos filhos, também somos herdeiros, herdeiros de Deus e herdeiros com Cristo; com efeito, se sofremos com Ele, é para que também com Ele^c sejamos glorificados.

¹⁸Penso, de facto, que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação^d com a glória que há de ser revelada em nós. ¹⁹Pois a própria criação, com ardente expectativa^e, aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus. ²⁰A criação foi submetida à precariedade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a ela a submeteu, na esperança²¹ de que também a própria criação fosse liberta da escravidão da corrupção, para que pudéssemos alcançar a gloriosa liberdade^f dos filhos de Deus. ²²Sabemos que a criação inteira geme e sofre até ao presente com as dores do parto. ²³E não só ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente^g, por aguardarmos ansiosamente receber o estatuto de filhos^h, a redenção do nosso corpo. ²⁴De facto, foi na esperança que fomos salvos. Ora, uma esperança que pode ser vista não é esperança, pois quem é que espera aquilo que já vê? ²⁵Mas se é aquilo que não vemos que esperamos, então que o aguardemos com perseverança.

²⁶Assim, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que é necessário pedir nas nossas oraçõesⁱ; é o próprio Espírito que intercede por nós^j com gemidos inefáveis^k. ²⁷E Aquele que perscruta os corações sabe quais são as intenções do Espírito, porque é em conformidade com a vontade de Deus que Ele intercede pelos santos^l.

^a Lit.: *espírito de escravidão*.

^b Lit.: *espírito de filiação*. O termo parece referir-se à instituição legal greco-romana da adoção, em que os filhos adotados gozavam dos mesmos direitos dos filhos naturais, pelo que podiam participar na herança familiar.

^c Com *Ele* é acrescento de tradução.

^d Lit.: *não são dignos*.

^e Lit.: *pois a expectativa da criação*.

^f Lit.: *para a liberdade da glória*.

^g Lit.: *em nós próprios*.

^h Lit.: *aguardando [ansiosamente] a filiação*. Cf. v.15 nota.

ⁱ Lit.: *ré necessário rezar*.

^j Por *nós* é acrescento da tradução.

^k Alguns mss. acrescentam *em nosso favor* para explicitar o sentido do verbo.

^l Lit.: *segundo Deus*.

²⁸Ora, nós sabemos que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que, de acordo com o seu desígnio, foram chamados. ²⁹Porque aqueles que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para se tornarem conformes à imagem do seu Filho, a fim de que Este seja o primogénito de muitos irmãos. ³⁰Ora, aqueles que predestinou, também os chamou; aqueles que chamou, também os justificou; e aqueles que justificou, também os glorificou.

Doxologia

³¹Perante isto, que diremos, então? Se Deus é por nós, quem será contra nós? ³²Ele, que não salvaguardou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não haverá de nos conceder, juntamente com Ele, todas as coisas?

³³Quem poderá acusar os eleitos de Deus? É Deus quem justifica. ³⁴Quem os poderá condenar? Cristo Jesus, que morreu e, mais ainda, que ressuscitou, está sentado à direita de Deus e intercede por nós.

³⁵Quem nos poderá separar do amor de Cristo^m? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, ou a espada? ³⁶Assim está escrito:

*Por causa de ti somos sujeitos à morte o dia inteiro,
somos considerados como ovelhas para o matadouroⁿ.*

³⁷Mas em tudo isto somos mais que vencedores, graças Àquele que nos amou. ³⁸Estou, de facto, convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem as coisas presentes nem as que estão para vir, nem as potestades,³⁹ nem a altura nem a profundidade^o, nem qualquer outra criatura, nos poderá separar do amor de Deus em Cristo Jesus nosso Senhor.

O lugar de Israel na história da salvação (9,1 – 11,36)^p

9 Introdução

¹Digo a verdade em Cristo, não minto, e disso me dá testemunho a minha consciência no Espírito Santo: ²tenho uma grande tristeza e uma contínua dor no meu coração. ³Para bem dos meus irmãos, eu até pediria para ser anátema e separado de Cristo. ⁴Eles são os israelitas, a quem pertence o estatuto de filhos, a glória, as

^m Alguns mss. substituem por *de Deus em Cristo Jesus* para harmonizar com o v.39.

ⁿ Sl 44,23.

^o Expressão que se pode referir ao mundo superior e inferior, ou às forças que dominam esses mundos, ou ainda à distância que separa alguém de Deus.

^p Esta terceira parte da carta divide-se em quatro secções: 1) introdução (9,1-5); 2) um resto de Israel permaneceu fiel (9,6-29); 3) a recusa de Israel (9,30-10,21); 4) Deus não rejeitou o seu povo (11,1-36). No cap.9 o apóstolo apresenta o facto de o chamamento dos pagãos nada ter de casual, pelo que a recusa de Israel em acreditar no evangelho não impediu o plano de Deus de realizar-se. Neste sentido, Paulo deixa de falar em *judeus* para passar a falar em *Israel*, assim como não aplica a categoria étnica de *povo* nem a Israel nem aos cristãos, de modo a salientar a condição filial comum a todos.

alianças, a legislação, o culto e as promessas,⁵ a quem pertencem os patriarcas^a e dos quais procede Cristo segundo a carne, Ele que está acima de todas as coisas, Deus bendito pelos séculos! Amen.

O resto de Israel

⁶Não é que a palavra de Deus tenha falhado. O que acontece^b é que nem todos os descendentes de Israel^c são Israel,⁷ tal como não é por serem da descendência de Abraão que todos são seus filhos. Pelo contrário:

«só os de Isaac é que serão chamados a tua descendência»^d.

⁸Ou seja, não são os filhos da carne que são filhos de Deus; pelo contrário, os filhos da promessa é que são considerados descendência. ⁹Com efeito, a palavra da promessa é esta:

«Virei por esta altura, e já Sara terá um filho»^e.

¹⁰E não é tudo: também Rebeca concebeu de um só homem^f, de Isaac, nosso pai.

¹¹Não tendo os seus filhos^g ainda nascido, nem praticado nada de bom ou de mau – e para que, de acordo com a eleição, se mantivesse o desígnio de Deus,¹² que tem a sua origem não nas obras mas em Deus que chama^h – foi-lhe dito que:

«O mais velho servirá o mais novo»ⁱ,

¹³tal como está escrito:

Amei Jacob e menosprezei^j Esau^k.

¹⁴Que diremos, então? Que há uma injustiça da parte de Deus? De modo nenhum!

¹⁵Com efeito, foi dito a Moisés:

«Usarei de misericórdia para com quem Eu decidir usar de misericórdia, e terei compaixão de quem Eu decidir ter compaixão»^l.

^a Paulo omite aqui propositadamente duas características distintivas de Israel (*povo e eleito*), ideias que, contudo, irá abordar ainda nesta terceira parte da carta.

^b O que acontece é acrescento da tradução.

^c Lit.: *os que [vêm] de Israel*.

^d Gn 21,12 (lit.: *em Isaac será chamada para ti descendência/semente*). Embora Abraão tenha tido mais filhos, como Ismael, nascido de Agar (Gn 16,15), ou os seis filhos da escrava Queturá (Gn 25,1s), apenas Isaac é o filho da promessa. Com base nisto, Paulo argumenta que a descendência de Abraão não é biológica, mas depende da eleição divina.

^e Gn 18,10. Paulo desenvolve uma técnica rabínica de interpretação da Escritura (*gezerah shawah*, cf. 4,1 nota) com Gn 15,5.

^f Lit.: *teve cama de um só*.

^g *Os seus filhos* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *o que chama*.

ⁱ Gn 25,23 (lit.: *o maior servirá o menor*).

^j Lit.: *odiei* (cf. Lc 14,26 nota).

^k Mt 1,2.

^l Ex 33,19 (lit.: *misericiordiarei quem [Eu] misericordiar e compadecer-me-ei de quem [Eu] me compadecer*). Paulo não pretende falar de predestinação, mas da eleição gratuita da parte de Deus para mostrar que nem todos os descendentes de Jacob são escolhidos, na medida em que nem todos aceitaram a salvação. Isto obriga a redefinir a categoria *Israel*, que não é étnica.

¹⁶Portanto, tal não depende nem da vontade, nem do esforço do homem^m, mas de Deus misericordioso. ¹⁷Pois a Escritura diz ao faraó:

«Foi para isto mesmo que eu te fiz surgir: para mostrar em ti o meu poder, e para que o meu nome fosse anunciado em toda a terra»ⁿ.

¹⁸Portanto, Ele usa de misericórdia para com quem quer, e endurece o coração de^o quem quer. ¹⁹Poder-me-ás tu, então, dizer: por que razão continua Ele a repreender? De facto, quem é que se pode opor à sua vontade? ²⁰Ó homem, quem és tu para contestar Deus? Poderá a figura moldada dizer Àquele que a moldou: «Porque me fizestes assim?»^p ²¹Ou será que o oleiro não tem poder sobre o barro para, da mesma massa, tanto fazer um vaso para um uso nobre como para um uso vulgar^q? ²²E se Deus tiver suportado, com muita paciência, os vasos da ira que estavam prontos para a destruição, por desejar mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, ²³a fim de dar a conhecer a riqueza da sua glória sobre os vasos de misericórdia que Ele, de antemão, tinha preparado para a glória? ²⁴Esses vasos de misericórdia somos nós, a quem Deus chamou^r não só de entre os judeus, mas também de entre os pagãos, ²⁵tal como está dito em Oseias:

«Chamarei meu povo àquele que não era o meu povo
e minha amada àquela que não era a minha amada»;

²⁶e será precisamente no lugar onde lbes tinha sido dito:

“Vós não sois o meu povo”,

que serão chamados filhos do Deus vivo»^t.

²⁷E quanto a Israel, Isaías exclama: «Ainda que o número dos filhos de Israel fosse como a areia do mar, apenas um resto será salvo»^u. ²⁸O Senhor cumprirá^v a sua palavra sobre a terra de um modo completo e abreviando o tempo^w».

²⁹E, tal como Isaías já dissera:

«Se o Senhor do universo não nos tivesse deixado uma descendência, ter-nos-íamos tornado como Sodoma e seríamos semelhantes a Gomorra»^x.

^m Lit.: *nem do que quer nem do que corre*.

ⁿ Ex 9,16.

^o O coração de é acrescento da tradução.

^p Is 29,16.

^q Lit.: *para honra (...) para sem honra* (cf. 2Tm 2,20).

^r Lit.: *os quais também nos chamou*.

^s Os 2,25 (lit.: *chamarei ao não povo meu povo e, à não amada, amada*). Nos vv.25s está ausente a palavra *Israel*, tal como o termo *povo* (*laós*) nos vv.27-29, para impossibilitar a identificação do ator dos primeiros vv. (*povo*) com os dos vv. seguintes (*filhos*).

^t Os 2,1.

^u Is 10,22.

^v Lit.: *fará*.

^w Lit.: *completando e abreviando*. Is 28,22. Alguns mss. acrescentam *na justiça*.

^x Is 1,9.

A recusa de Israel

³⁰Que diremos, então? Que os pagãos, que não procuraram^a a justificação^b, alcançaram a justificação – mas a justificação que provém da fé – ³¹enquanto Israel, que procurava seguir a Lei que levasse à justificação^c, acabou por não alcançar essa Lei^d. ³²Por que razão? Porque a procurou seguir^e não a partir da fé, mas como se ela proviesse das obras^f. Tropeçaram na pedra de tropeço, ³³tal como está escrito:

*eis que coloco em Sião uma pedra de tropeço, uma pedra de escândalo;
e todo aquele que nela acreditar não ficará desiludido^g.*

10¹Irmãos, o desejo do meu coração e aquilo que por eles peço a Deus na minha oração é que se salvem^h. ²Pois eu dou testemunho de que eles têm zelo por Deus; no entanto, não o têm devidamente esclarecidoⁱ. ³De facto, por ignorarem a justificação que vem de Deus e procurarem determinar a sua própria justificação, não se submeteram à justificação que vem de Deus^j. ⁴É que a finalidade da Lei é Cristo, para que todo aquele que acredita seja justificado^k.

⁵Ora, Moisés descreve assim a justificação que provém da Lei: «*O homem que fizer estas coisas viverá por elas*»^l. ⁶Porém, a justificação que provém da fé diz assim^m: «*Não digas no teu coração*» «*Quem subirá ao céu?*»^o, isto é, para fazer Cristo descer. ⁷Ou «*Quem descerá ao abismo?*»^p, isto é, para fazer Cristo subir de entre os mortos. ⁸Final, o que diz a Escritura? «*A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração*»^q. Esta é a palavra da fé que nós proclamamos. ⁹Se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor e se acreditares no teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. ¹⁰Pois é com o coração que se acredita, para obter a justificação, e é com a boca que se professa a fé, para alcançar a salvação.

^a Lit. *perseguiram* (também no v.31).

^b Sobre o conceito, cf. 1,17 nota.

^c Lit.: *Lei de justificação*.

^d No sentido em que não atingiu o objetivo da Lei: a justificação.

^e *A procurou seguir* é acrescento de tradução.

^f Alguns mss. acrescentam *da Lei* para harmonizar com 3,20.28; Gl 2,16; 3,2.5.10.

^g Is 8,14; 28,16.

^h Lit. *a oração a Deus em favor deles [é] para salvação*.

ⁱ Lit.: *mas não segundo o conhecimento*.

^j Paulo não recrimina Israel; limita-se a atestar que Israel não conheceu as próprias possibilidades que a Lei oferecia.

^k Lit.: *para justificação*.

^l Lv 18,5.

^m Paulo usa a figura retórica da prosopopeia, pois já não é Moisés que fala, mas a justificação personificada.

ⁿ Dt 9,4.

^o Dt 30,12. Paulo pretende mostrar que é inútil subir ao céu para trazer de novo Cristo à terra, bem como descer ao mundo dos mortos para daí fazer ressurgir Cristo de entre os mortos. O que se pede ao crente é a confiança na palavra pregada, como afirmará a seguir no v.8.

^p Sl 107,26.

^q Dt 30,14. Paulo omite a referência ao *agir* de Lv 18,5 para indicar que a salvação vem pela invocação, e não pelas obras.

¹¹Com efeito, diz a Escritura:

«Todo aquele que nele acreditar não ficará desiludido»^s.

¹²Não há diferença entre judeu e grego, pois Ele é o Senhor de todos, generoso para com todos os que o invocam. ¹³Portanto, *todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo^t*. ¹⁴Ora, como hão de invocar Aquele em quem não acreditaram? E como acreditarão naquele de quem não ouviram falar? ^uE como hão de ouvir, se não houver quem lhes proclame? ¹⁵E como hão de proclamar, se não forem enviados? Assim está escrito:

Como são formosos os pés dos que anunciam boas novas^v.

¹⁶Mas nem todos obedeceram ao evangelho. De facto, diz Isaías:

Senhor, quem é que acreditou ao ter-nos escutado?^w

¹⁷Por conseguinte, a fé vem pela escuta, que é a escuta da palavra de Cristo^x. ¹⁸Mas pergunto eu: não a teriam de facto ouvido? Foi exatamente o contrário, pois:

a sua voz ressoou por toda a terra, e as suas palavras até aos confins do mundo^y.

¹⁹Mas pergunto eu: será que Israel não terá compreendido? Ora, em primeiro lugar, é Moisés que diz:

«Eu vou fazer-vos ter ciúmes de uma nação que não o é, e provocar-vos a ira com uma nação insensata»^z.

²⁰Por seu lado, Isaías é mais ousado e diz:

«Fui encontrado por aqueles que não me procuravam, e manifestei-me àqueles que não perguntavam por mim»^{aa}.

²¹E diz ainda a Israel:

*Durante todo o dia estendi as minhas mãos
a um povo desobediente e rebelde^{ab}.*

11 Fidelidade de Deus para com Israel

¹Então, pergunto eu^{ac}: terá Deus rejeitado o seu povo^{ad}? De modo nenhum! Pois também eu sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim.

^r O pronome em grego refere-se ainda à *pedra de escândalo* (cf. 9,33).

^s Is 28,16.

^t Jl 3,5.

^u *Falar* é acrescento de tradução.

^v Is 52,7. Alguns mss. leem *paz*.

^w Is 53,1 (lit.: *quem acreditou na escuta de nós?*).

^x Alguns mss. leem *Deus*. Lit.: *ora a fé a partir da escuta, a escuta através de palavra de Cristo*. Em todo o NT, a expressão *palavra de Cristo* ocorre apenas aqui.

^y Sl 19,5.

^z Dt 32,21.

^{aa} Is 65,1.

^{ab} Is 65,2.

^{ac} Lit.: *Digo então*. Este cap. apresenta três temas: 1) permanece um resto fiel de Israel (vv.1-10); 2) a desgraça de Israel não é definitiva, pois Deus usa de misericórdia (vv.11-24); 3) o mistério da salvação de Israel (vv.25-32).

^{ad} Alguns mss. leem *berança* por influência do Sl 93,14 (LXX).

²*Deus não rejeitou o seu povo^a que Ele de antemão conhecia. Ou não sabeis o que diz a Escritura sobre Elias, como ele se dirigiu a Deus com esta queixa contra Israel:*

³*«Senhor, mataram os teus profetas, derrubaram os teus altares; só eu fui deixado vivo^b, e procuram tirar-me a vida»^c?*

⁴Mas o que lhe respondeu o oráculo divino?

«Reservei para mim sete mil homens que não dobraram os joelhos diante de Baal»^d.

⁵Assim também no tempo presente subsistiu apenas um resto, cuja eleição se deve à graça de Deus^e. ⁶E se é pela graça, já não provém das obras; de outro modo, a graça já não seria graça^f.

⁷Que diremos, então? Que Israel não obteve aquilo que procurava, mas que o obtiveram os eleitos^g. Os restantes, pelo contrário, ficaram endurecidos, ⁸tal como está escrito:

*Deus concedeu-lhes um espírito entorpecido,
olhos para não ver,
e ouvidos para não ouvir,
até ao dia de hoje^h.*

⁹E diz David:

*«Que a sua mesa se torne para eles num laço e numa armadilha,
numa pedra de tropeçoⁱ e de justo castigo;*

¹⁰*que se obscureçam os seus olhos, para não verem,
e que se encurvem para sempre as suas costas »^k.*

¹¹Então, pergunto eu: terão eles tropeçado com a intenção de cair^l? De modo nenhum! Mas foi devido à sua falta que a salvação chegou aos gentios, e tal aconteceu para lhes provocar ciúme^m. ¹²Ora, se a sua falta resultou numa riqueza para o

^a Sl 94,14.

^b *Vivo* é acrescento da tradução.

^c Lit.: *procuram a minha vida/alma*. 1Rs 19,10.14.

^d 1Rs 19,18.

^e Lit.: *segundo a eleição pela graça*. Paulo usa uma sinédoque (tomar o todo pela parte), fazendo equivaler Israel ao resto eleito de Israel. A existência de um *resto* é a prova de que Deus não rejeitou o seu povo.

^f Alguns mss. mais tardios acrescentam *mas se é pelas obras então não é mais pela graça; de outro modo, as obras não são mais obras*.

^g Lit.: *a eleição, porém, alcançou*.

^h Dt 29,3; Is 29,10. Paulo aplica uma técnica rabínica de interpretação da Escritura (*gezerah shawah*, cf. 4,1 nota) entre estes textos e o Sl 68,2-3 (LXX).

ⁱ Lit.: *escândalo*.

^j Lit.: *retribuição*.

^k Sl 69,23s.

^l Lit.: *para que caíssem*.

^m Retomando o tema de 10,19 (cf. Dt 32,21; 1Rs 14,22; Sl 78,58) Paulo inverte o dado tradicional da escatologia judaica ao afirmar que primeiro os gentios serão salvos e só depois Israel, e que tal aconteceu devido à queda do próprio Israel. O apóstolo pretende mostrar que os gentios estão incluídos no plano salvífico de Deus.

mundo, e o seu desastre numa riqueza para os gentios, quanto mais não acontecerá quando todos se converterem¹¹!

¹³É a vós, os gentios, que eu digo o seguinte: é precisamente como apóstolo dos gentios que sou que manifesto a glória deste meu ministério, ¹⁴na expectativa de provocar o ciúme daqueles que são da minha carne e, assim, salvar alguns deles. ¹⁵Pois se da sua rejeição resultou a reconciliação do mundo, que acontecerá com a sua reintegração, senão uma passagem da morte à vida^o?

¹⁶Ora, se a primícia é santa, também o é a massa; e se a raiz é santa, também o são os ramos. ¹⁷Mas se alguns ramos foram cortados, enquanto tu, que eras uma oliveira brava, foste enxertada entre eles e te tornaste participante na raiz e na seiva da oliveira, ¹⁸não te vanglories, desprezando esses ramos^p. Mas se te vangloriares, lembra-te que não és tu quem sustém a raiz, mas sim a raiz que te sustém a ti^q.

¹⁹Poder-me-ás, então, dizer: os ramos foram cortados para que eu fosse enxertado. ²⁰De acordo: foram cortados por causa da sua incredulidade, enquanto tu estás seguro por causa da fé. Mas não te julgues superior; pelo contrário, tem temor. ²¹Pois se Deus não poupou os que eram ramos naturais, tão pouco te poupará a ti. ²²Considera, por isso, a bondade e a severidade de Deus: severidade para com aqueles que caíram, bondade para contigo, desde que permaneças na bondade, pois, de outro modo, também tu serás cortado. ²³Quanto a eles, se não permanecerem na incredulidade, também hão de ser enxertados, pois Deus tem poder para os enxertar de novo. ²⁴De facto, se tu foste cortado da oliveira brava, a que por natureza pertencias^f e, contra a natureza, foste enxertado numa oliveira boa, quanto mais não serão eles enxertados na sua própria oliveira, a que por natureza pertencem.

O mistério

²⁵Não quero que vós, irmãos, ignoreis este mistério, para que não vos tenhais na conta de sábios: o endurecimento de coração^g de uma parte de Israel há de continuar até que a totalidade dos pagãos chegue à salvação^h. ²⁶E assim todo o Israel será salvo, tal como está escrito:

*«De Sião virá o libertador,
que afastará as iniquidades de Jacob¹¹.*

²⁷*É esta a aliança que Eu farei com eles,
quando lhes tiver retirado os pecados»^v.*

¹¹ Lit.: *quanto mais a plenitude deles.*

^o Lit.: *senão vida a partir dos mortos.*

^p Lit.: *não te vanglories contra os ramos.*

^q Lit.: *se te vanglorias, não (és) tu que a raiz sustentas, mas a raiz a ti.*

^f Lit.: *segundo a natureza* (nas duas ocorrências).

^g *De coração* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *entre.*

¹¹ Is 59,20s. Paulo aplica uma técnica rabínica de interpretação da Escritura (*gezerah shawah*, cf. 4,1 nota) com a citação de Is 27,9 no v. seguinte.

^v Is 27,9.

²⁸No que diz respeito ao evangelho, eles são inimigos para vosso benefício; mas no que diz respeito à eleição, são amados por causa dos seus pais, ²⁹visto que os dons da graça e o chamamento de Deus são irrevogáveis. ³⁰Deste modo, assim como vós outrora desobedecestes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia devido à sua desobediência, ³¹assim também eles desobedeceram agora, possibilitando com isso que Deus vos mostrasse a sua misericórdia, para que venham também eles a alcançar misericórdia^a. ³²Efetivamente, Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos. ³³Oh que profunda é a riqueza, a sabedoria e a ciência de Deus! Como são insondáveis os seus juízos e incompreensíveis os seus caminhos!

³⁴De facto, *quem conheceu o pensamento do Senhor?*

Quem foi o seu conselheiro?^b

³⁵*Ou quem lhe deu primeiro, para que tenha de ser retribuído?*^c

³⁶Porque dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele a glória pelos séculos! Amen.

II. SECÇÃO EXORTATIVA E RECOMENDAÇÕES FINAIS (12,1 – 16,20)

12^o culto espiritual

¹Por isso, irmãos, exorto-vos, pela misericórdia de Deus, a que apresenteis os vossos corpos como um sacrifício vivo, santo, agradável a Deus; seja este o vosso culto espiritual^d. ²Não vos conformeis a este mundo^e; pelo contrário, transformai-vos pela renovação da vossa mente, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe^f é agradável, o que é perfeito.

³Com efeito, pela graça que me foi concedida, digo a todo aquele que se encontra entre vós: que ninguém se considere a si mesmo acima daquilo que convém, mas que se preocupe antes em ser sensato^g, de acordo com a medida da fé que Deus repartiu

^a Lit.: *assim também eles desobedeceram, por causa da vossa misericórdia, para que também eles agora fossem misericordiadados.*

^b Is 40,13.

^c Jb 41,3.

^d Lit.: *agradável a Deus; o vosso culto lógico (racional).*

^e Considerando o mundo como passageiro e imperfeito (1Cor 7,1), Paulo alude à distinção judaica entre *este mundo* e o mundo que virá. Se para o judaísmo só o segundo é que é bom (pois coincidirá com a vinda do messias), para a Igreja primitiva este tempo e este mundo constituem já a ocasião para experienciar a salvação em Cristo, ainda que não de modo definitivo e pleno. Por isso, o apóstolo convida a uma metamorfose interior, e não exterior (2Cor 3,18), deixando-se plasmar pela inspiração do Espírito.

^f *Lhe* é acrescento da tradução.

^g Lit.: *que não se sinta acima daquilo que convém sentir, mas sinta para ser sensato.*

por cada um. ⁴ Assim como num corpo temos muitos membros, mas os membros não têm todos a mesma função, ⁵ assim também nós, embora sendo muitos, somos um só corpo em Cristo^h, mas, individualmente, somos membros uns dos outros. ⁶ Temos dons diferentes, de acordo com a graça que nos foi concedida: se é o da profecia, que seja exercido em sintonia com a féⁱ; ⁷ se é o do ministério^j, que seja exercido nas funções do ministério; se alguém tem o dom de ensinar, que o use no ensino^k; ⁸ se alguém tem o dom de exortar, que o use na exortação; quem faz a partilha, que a faça com generosidade desinteressada; quem tem o dom de presidir, que o faça com solicitude; quem pratica a misericórdia, que o faça com alegria^l.

⁹ Que o vosso^m amor não seja hipócrita. Detestai o mal e aderi ao bem. ¹⁰ Com amizade fraterna, sede afetuosos uns com os outros. Rivalizai uns com os outros na estima recíproca. ¹¹ Não sejais indolentes na vossa solicitude; deixai-vos vivificar pelo Espírito, servi o Senhor. ¹² Sede alegres na esperança, resistentes na tribulação, perseverantes na oração. ¹³ Partilhai com os santos que passam necessidades, praticai a hospitalidade. ¹⁴ Bendizeis os que vos perseguemⁿ; bendizeis e não amaldiçoeis. ¹⁵ Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. ¹⁶ Tende os mesmos sentimentos uns para com os outros. Não penseis em grandezas, mas deixai-vos orientar por aquilo que é humilde^o. Não vos tenhais a vós mesmos na conta de sábios. ¹⁷ A ninguém pagueis o mal com o mal^p; *pensai sempre em praticar o bem^q, diante de todos os homens^r*. ¹⁸ Se for possível e naquilo que de vós depender^s, vivei em paz com todos os homens.

¹⁹ Amados meus^t, não façais justiça por vossa conta, mas cedei o lugar à ira divina^u, pois está escrito: *É a mim que compete fazer justiça^v, Eu é que hei de retribuir, diz*

^h Lit.: *assim também muitos somos um [só] corpo em Cristo*. Evocando a metáfora do corpo, com a qual apresenta a Igreja como o corpo de Cristo, cujos membros estão bem unidos entre si, cooperando uns com os outros para o bem do todo (1Cor 12,12-31), Paulo pretende enfatizar que a partir do batismo os cristãos vivem *em Cristo* e, por isso, numa perene união com Ele.

ⁱ Lit.: *seja profecia, segundo a analogia da fé*.

^j Trata-se, provavelmente, da administração e distribuição das ajudas materiais da comunidade (1Cor 16,15; At 6,1).

^k Lit.: *seja ministério no ministério; seja o que ensina no ensino*.

^l Lit.: *seja o que exorta na exortação; o que distribui na simplicidade; o que preside na solicitude; o que é misericordioso na alegria*.

^m *Vosso* é acrescento da tradução.

ⁿ Estas palavras ecoam as de Jesus (Mt 5,44; Lc 6,27). Alguns relevantes mss. eliminam a palavra *vos* para tornar a bênção mais universal.

^o A palavra grega aqui traduzida pode ser entendida como masculina, tendo, assim, o sentido de *associar-vos aos humildes*, ou como neutra, pelo que o significado seria *associar-vos às tarefas (coisas) humildes*.

^p Eco do ensinamento de Jesus em Mt 5,39,43.

^q Lit.: *pensando as coisas belas/boas*.

^r Pr 3,4.

^s Lit.: *se possível o que [provém] de vós*.

^t *Meus* é acrescento da tradução.

^u *Divina* é acrescento da tradução.

^v Lit.: *a mim o fazer justiça/vingança*.

o Senhor^a. ²⁰Pelo contrário, *se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber. Ao fazer isto amontoarás carvões em brasa sobre a sua cabeça*^b. ²¹Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem.

13¹Que todos^c se sujeitem às autoridades constituídas, pois não existe autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. ²Assim sendo, quem se opõe à autoridade, resiste à ordem estabelecida por Deus, e os que se lhe opõem incorrerão na sua própria condenação^d. ³Pois os que governam não causam medo a quem pratica o bem, mas sim a quem pratica o mal. Queres viver sem medo^e das autoridades? Faz o bem e terás os seus elogios; ⁴de facto, elas estão ao serviço de Deus para o teu bem^f. Mas se praticares o mal, então deverás ter medo, pois não é em vão que elas trazem a espada; com efeito, elas estão ao serviço de Deus, cuja ira manifestam ao fazerem justiça contra quem pratica o mal^g. ⁵É por isso que é preciso sujeitar-se-lhes, não só por causa dessa ira, mas também por razões de consciência^h. ⁶É também por esse motivo que vós lhes pagais tributo, pois elas são servidoras de Deus, fazendo-o com diligência. ⁷Dai a cada um aquilo que lhe é devido: o tributo, a quem é devido o tributo; o imposto, a quem é devido o imposto; temor, a quem é devido o temor; honra, a quem é devida a honra.

⁸Não devais nada a ninguém, a não ser o amor uns aos outros, pois quem ama o outro cumpriu a Lei. ⁹De facto, os mandamentos que dizem: *Não cometerás adultério, não matarás, não roubarás, não cobiçarás*, e todos os outros, resumem-se nestas palavras: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*ⁱ. ¹⁰O amor não faz mal ao próximo. O amor é a plenitude da Lei.

^a Dt 32,35.

^b Pr 25,21s. Na patrística ocidental este sinal foi lido como sendo a dor causada pela vergonha que conduz ao remorso e que arderia na cabeça dos inimigos como um fogo em brasa, enquanto na patrística oriental foi visto como o arrependimento ou um modo nobre de vingança sobre o inimigo.

^c Lit.: *toda a alma*. Nos vv.1-7 o apóstolo descreve os conflitos entre os membros da comunidade provenientes do paganismo e do judaísmo, enunciando igualmente os deveres dos cristãos para com as autoridades civis.

^d Paulo exorta a que os cristãos atuem segundo o modelo de Pr 8,15 e Mt 22,16-21, e pressupõe que as autoridades civis se preocupam e protegem a comunidade.

^e Lit.: *queres não ter medo*.

^f Lit.: *ela [a autoridade] é servidora de Deus para ti, para o bem*.

^g Lit.: *De facto [a autoridade] é servidora de Deus, fazedora de justiça para ira, àquele que faz o mal*. Paulo retoma e reformula o que afirmou no v.1; a *espada* era o símbolo da autoridade para exercer a justiça e aplicar as penas.

^h A obediência não é apenas uma obrigação legal mas também moral.

ⁱ Dt 5,17-21; Ex 20,13-17. São citados mandamentos do Decálogo numa ordem diferente da do texto do AT (Ex 20,13-17; Dt 5,17-21), segundo a ordem da versão grega dos LXX.

^j Lv 19,18. Paulo resume a Lei com Dt 6,4s e Lv 19,8, evocando assim o ensinamento de Jesus de Mc 12,28-34par. Se Cristo é o cumprimento da Lei (Rm 10,4), e se o amor impulsionou Jesus à entrega da sua vida por todos, então Paulo conclui no v. seguinte que o amor é agora para os cristãos o cumprimento da Lei e a norma de vida.

¹¹E tudo isto porque sabeis o tempo em que nos encontramos^k: já é hora de vos levantardes do sono, pois a salvação está agora mais perto de nós do que quando abraçámos a fé^m. ¹²A noite vai adiantada e o dia está próximo. Abandonemos, então, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luzⁿ. ¹³Comportemo-nos dignamente, como em pleno^o dia. Nada de comezainas nem de bebedeiras, nada de orgias nem condutas devassas, nada de discórdias nem de ciumeiras. ¹⁴Pelo contrário, revesti-vos do Senhor Jesus Cristo^p, e não façais o que a carne pede para a sua própria satisfação^q.

14 O serviço dos débeis e dos fracos

¹Acolhei aquele que é frágil na fé^r, sem discutir opiniões^s. ²Enquanto um acredita que pode comer de tudo, outro, que é frágil, come apenas verduras^t. ³Aquele que come não despreze o que não come, e aquele que não come não julgue o que come, pois Deus também^u o acolheu. ⁴Quem és tu para julgar um servo alheio? Se ele fica de pé ou se cai^v, isso é assunto do seu senhor^w. Há de, porém, ficar de pé, porque o Senhor tem poder para o manter de pé. ⁵Além disso, enquanto um distingue determinados dias, outro considera todos os dias iguais^x. Que cada um se mantenha firme naquilo que pensa^y. ⁶Quem observa um determinado dia, fá-lo para honrar o Senhor^z; quem come de tudo, come para honrar o Senhor, na medida em que dá graças a Deus; quem não come, não come para honrar o Senhor, e também ele dá

^k Lit.: *e isto sabendo [vós] o tempo*. Com a expressão *tudo isto*, Paulo refere-se não apenas ao conteúdo dos vv.8-10, mas a toda a primeira parte da secção ética, iniciada em 12,1.

^l Alguns mss. leem *nos* provavelmente para harmonizar com o v.12.

^m Noutras passagens o apóstolo recorre a motivos escatológicos para fundamentar as exortações morais (1Ts 5,6; 1Cor 7,26-30; Cl 4,5; Ef 5,16). Todavia, aqui apresenta o tempo presente como pertencendo à escatologia em virtude do mistério pascal de Cristo, que torna a salvação numa graça já em ato.

ⁿ Os binómios *noite-dia* e *trevas-luz* traduzem a luta entre o bem e o mal (Ef 5,8-11; 1Ts 5,5-8). Esta terminologia é típica da apocalíptica judaica (cf. *IQS* 2,7; *IQM* 15,9).

^o *Pleno* é acrescento da tradução.

^p Pelo batismo o cristão revestiu-se de Cristo (Gl 3,27).

^q Lit.: *não façais o provimento da carne para [os seus] desejos*.

^r Alguns cristãos manifestavam escrúpulos perante algumas práticas de outros membros da comunidade, resultantes da sua cultura greco-romana, a quem Paulo apresenta, por isso, como sendo ainda frágeis na fé.

^s Lit.: *não para discussões de opiniões*. Nos cap. 14-15 Paulo procura resolver as dificuldades surgidas entre os membros da comunidade e, para tal, formula princípios de prudência baseados no amor (14,15), na convicção perante a própria fé (14,1.22), no exemplo de Cristo (14,9.15; 15,3,7) e na lealdade (15,13).

^t A recusa em comer algum tipo de alimentos provirá das tradições judaicas em que os cristãos viviam.

^u *Também* é acrescento da tradução.

^v O binómio *estar [de pé] e cair* traduz a ideia de aprovação e desaprovação, tal como em 1Cor 10,12.

^w Lit.: *para o próprio senhor*.

^x *Iguais* é acrescento de tradução. Um outro exemplo de escrúpulos apresentado pelo apóstolo tem que ver com o calendário e as festas (cf. Zc 7,5; 8,19). Perante isto, o apóstolo recorda que poderão coexistir diferentes opiniões e sensibilidades.

^y Lit.: *cada um no próprio pensamento fique cheio*.

^z Lit.: *o que considera o dia, considera[-o] para o Senhor*. *Honrar* é acrescento da tradução em todas as ocorrências do v.

graças a Deus^a. ⁷Nenhum de nós vive para si mesmo e nenhum de nós morre para si mesmo. ⁸Se vivemos, vivemos para o Senhor e, se morremos, morremos para o Senhor. Portanto, quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor. ⁹Com efeito, foi para isto que Cristo morreu e ressuscitou: para ser o Senhor dos mortos e dos vivos^b.

¹⁰Mas tu, porque julgas o teu irmão? E tu, porque desprezas o teu irmão? Todos havemos de comparecer no tribunal de Deus, ¹¹pois está escrito:

*Tão certo como Eu estar vivo^c – diz o Senhor^d –
todo o joelho se dobrará diante de Mim,
e toda a língua há de confessar a Deus^e.*

¹²Portanto, cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus.

O escândalo do irmão

¹³Por isso, não nos julgemos mais uns aos outros. Pelo contrário, tende como critério o seguinte: não ser motivo de tropeço ou de escândalo^f para o irmão. ¹⁴Eu sei – e disso estou convencido no Senhor Jesus – que nenhuma coisa é impura em si mesma, a não ser para aquele que a considera impura; para esse ela é impura^g. ¹⁵Ora, se, por tomardes determinado alimento^h, o teu irmão se entristece, já não estás a viver de acordo com o amor. Não faças com que, pelo teu alimento, se perca aquele por quem Cristo morreu. ¹⁶Que o vosso bem não se torne motivo de censuraⁱ. ¹⁷É que o reino de Deus não é uma questão de comida e bebida, mas de justiça, paz e alegria no Espírito Santo^j. ¹⁸Quem serve a Cristo deste modo agrada a Deus e tem a aprovação dos homens. ¹⁹Portanto, procuremos^k o que contribui para a paz e para a mútua edificação. ²⁰Não destruas a obra de Deus por questões de comida. Todas as coisas são puras, mas tornam-se um mal quando, por comê-las, alguém se torna motivo de tropeço^l. ²¹O melhor é não comer carne nem beber vinho, nem nada que seja motivo de tropeço para o teu irmão^m. ²²Quanto à fé esclarecidaⁿ que tu tens, guarda-a para

^a Alguns mss. mais tardios acrescentam *e o que não tem em conta o dia do Senhor, não [o] tem em conta*. Trata-se de uma glosa de gosto bizantino para construir uma estrutura paralela em todo o v. O cristão foi libertado para viver para Deus (6,1-10; Gl 2,19), não estando mais sujeito aos requisitos da Lei.

^b Com a ressurreição, Cristo adquire um domínio universal (1Ts 5,10; Flp 2,11).

^c Lit.: *Eu vivo*.

^d Is 49,18.

^e Is 45,23 (LXX).

^f Lit.: *não pôr tropeço ao irmão ou escândalo*.

^g Esta temática desenvolve-se até 15,6, e ecoa o ensinamento de Jesus em Mt 15,11, superando Lv 17,15.

^h Lit.: *por causa de alimento*.

ⁱ Lit.: *Que o vosso bem não seja blasfemado*.

^j Paulo retoma a temática da liberdade cristã e dos frutos do Espírito, pedindo aos membros da comunidade para serem servos uns dos outros (Gl 5,13; 1Cor 8,1; 10,23s).

^k Alguns dos mss. mais antigos leem *procuramos*.

^l Lit.: *mas [são] mal para o homem que, através do tropeço, [as] come*.

^m Vários mss. acrescentam *ou [o] escandalize ou debilite*.

ⁿ *Eslarecida* é acréscimo da tradução.

ti, diante de Deus. Feliz é aquele que não se condena a si mesmo nas decisões que toma^o. ²³Mas se aquele que tem dúvidas acaba por comer, é condenado por não agir de acordo com a sua boa-fé^p. Tudo o que não provém da boa-fé é pecado.

15 Cristo modelo para os fortes

¹Nós, que somos fortes, temos o dever de suportar^q as fraquezas daqueles que são débeis e não procurar aquilo que nos agrada^r. ²Que cada um de nós procure agradar ao próximo, tendo em vista o bem, para edificação da comunidade^s. ³Também Cristo não procurou aquilo que lhe agradava; pelo contrário, tal como está escrito:

Os insultos daqueles que te insultavam caíram sobre mim^t.

⁴Pois tudo o que antes foi escrito, foi escrito para nossa instrução, a fim de que, pela perseverança e pela consolação que nos dá as Escrituras^u, mantenhamos a esperança.

⁵O Deus da perseverança e da consolação vos conceda terdes os mesmos sentimentos uns para com os outros, de acordo com a vontade de Cristo Jesus^v, ⁶a fim de que, unânimes e com uma só voz, glorifiquéis a Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

⁷Acolhei-vos, portanto, uns aos outros como Cristo vos acolheu, para glória de Deus^w. ⁸Pois eu vos digo que foi por causa da verdade de Deus que Cristo se fez servidor dos circuncisos^x, para assim confirmar as promessas feitas aos nossos pais^y, ⁹e, no que respeita aos gentios, para estes poderem glorificar a Deus pela sua misericórdia, tal como está escrito:

*Por isso te louvarei entre as nações
e cantarei salmos ao teu nome^z.*

¹⁰E diz noutra passagem:

Alegrai-vos, ó nações, juntamente com o seu povo^{aa}.

¹¹E ainda:

*Louvai o Senhor, todas as nações,
e exaltai-o todos os povos^{ab}.*

^o Lit.: *naquilo que aprova.*

^p Lit.: *porque não [vem] da fé.* Trata-se da convicção que vem da fé que professa, como sobressai nos vv.1.22.

^q A expressão tem um duplo sentido e ambos parecem estar presentes: ajudar os mais débeis suportar o fardo dos seus escrúpulos, ou demonstrar muita compreensão e paciência para com esses irmãos.

^r Lit.: *e não agradar a nós próprios.*

^s *Da comunidade* é acrescento da tradução. A imagem da edificação foi usada por Paulo como metáfora comunitária (1Cor 14,12).

^t O modelo dos cristãos é Cristo (8,32-35), a quem Paulo aplica o Sl 69,9b-10.

^u Lit.: *consolação das escrituras.*

^v Lit.: *segundo Cristo Jesus.*

^w Os vv.7-13 apresentam o apelo à unidade baseado no exemplo de Cristo.

^x Referência aos judeus (cf. Gl 2,8). A unidade da comunidade supera as diferenças étnicas que existem no interior da mesma.

^y Lit.: *promessas dos pais.*

^z Sl 17,50 (LXX).

^{aa} Dt 32,43.

^{ab} Sl 117,1.

¹²E Isaias diz também:

*Surgirá o rebento de Jessé,
aquele que se levantará para governar as nações: é nele que as nações hão de colocar
a sua esperança^a.*

¹³Que, na vossa fé^b, o Deus da esperança vos cumule de alegria e de paz, para que transbordeis na esperança, pelo poder do Espírito Santo.

Postscriptum

¹⁴Em relação a vós, meus irmãos, estou pessoalmente convencido de que estais cheios de bondade, repletos de conhecimento, e de que sois capazes de vos admoestar uns aos outros. ¹⁵Apesar disso, escrevi-vos sobre alguns assuntos com uma certa ousadia^c, como alguém que pretende reavivar-vos a memória. E fi-lo em virtude da graça que me foi concedida por Deus ¹⁶para ser ministro de Cristo Jesus entre os pagãos, ao exercer o sagrado ministério^d de anunciar o evangelho de Deus^e, a fim de que os pagãos se tornem uma oblação agradável^f, santificada pelo Espírito Santo. ¹⁷É, portanto, em Cristo Jesus que, nas coisas que a Deus dizem respeito, tenho motivos para me gloriar. ¹⁸Com efeito, eu não ousaria falar de nada que não fosse daquilo que Cristo realizou por meu intermédio para, por palavras e por obras, conduzir os pagãos à obediência da fé^g, ¹⁹pelo poder de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito de Deus. Foi desta forma que, desde Jerusalém e arredores até à Ilíria, eu dei a conhecer plenamente^h o evangelho de Cristo. ²⁰Tive, contudo, a preocupação de anunciar o evangelho apenas onde o nome de Cristo ainda não era invocado, para não edificar sobre um alicerce alheio; ²¹pelo contrário, fizⁱ como está escrito:

*Hão de vê-lo aqueles a quem Ele não tinha sido anunciado,
e hão de compreender aqueles que não tinham ouvido falar dele^j.*

²²Foi precisamente por isso que tantas vezes fui impedido de ir ter convosco. ²³Mas agora, que já não tenho mais nenhum campo de ação^k nestas regiões, e tendo desde há muito tempo o forte desejo de ir ter convosco, ²⁴quando for à Hispânia espero ver-vos de passagem e receber a vossa ajuda para lá chegar, depois de desfrutar da vossa companhia, mesmo que seja por pouco tempo.

^a Lit.: *esperarão*. Is 11,10.

^b Lit.: *no acreditar*.

^c *Ousadia*, porque a comunidade não foi fundada por Paulo, nem os romanos o conhecem. No entanto, fá-lo no contexto da obrigação que Deus lhe impôs de anunciar o evangelho aos gentios (1,5; 12,3; Gl 2,7s; 1Cor 4,6).

^d Ao contrário do que fez, por exemplo, em 2Cor 3,3-6, Paulo não usa o vocabulário do serviço ou da diaconia, mas equipara a missão a um serviço sacerdotal.

^e Lit.: *servindo como sacerdote o evangelho de Deus*.

^f Lit.: *para que se torne a oblação dos gentios favorável*.

^g Lit.: *para obediência dos gentios*.

^h Lit.: *completar*.

ⁱ *Fiz* é acrescento da tradução.

^j Is 52,15.

^k *Ação* é acrescento da tradução.

²⁵Por agora, estou de partida para Jerusalém, para prestar um serviço aos santos^l. ²⁶É que a Macedónia e a Acaia acharam por bem fazer uma coleta para os pobres que há entre os santos que estão em Jerusalém. ²⁷Acharam por bem fazê-lo^m, por estarem em dívida para com eles, pois se os pagãos se tornaram participantes dos seus bens espirituais, também estes têm o dever de os servir com os seus bens materiaisⁿ. ²⁸Por conseguinte, quando tiver concluído este assunto e entregue, devidamente selado, o fruto daquilo que foi partilhado^o, passarei por vós a caminho da Hispânia. ²⁹Eu sei que, ao ir ter convosco, irei com a plenitude das bênçãos^p de Cristo.

³⁰Exorto-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, a que, nas orações que por mim fazeis a Deus, combatais comigo, ³¹para que eu possa escapar aos incrédulos na Judeia e para que este meu serviço, que levo para Jerusalém, seja bem aceite pelos santos. ³²E assim será com alegria que, se Deus quiser, eu irei ter convosco e repousar na vossa companhia. ³³O Deus da paz esteja com todos vós. Amen.

16 Saudações finais

¹Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que é servidora^q da Igreja de Cêncreas: ²acolhei-a no Senhor, de um modo digno dos santos, e prestai-lhe assistência naquilo que de vós precisar, pois também ela se tornou benfeitora de muitos, inclusivamente de mim.

³Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus ⁴que, pela minha vida, arriscaram a sua cabeça^r. Não sou só eu que lhes estou agradecido, mas todas as Igrejas dos gentios. ⁵Saudai também a Igreja que se reúne em sua casa. Saudai o meu amado Epéneto, o primeiro na Ásia a acreditar em Cristo^s. ⁶Saudai Maria, que tanto se afadigou por vós. ⁷Saudai Andronico e Júnio, meus compatriotas^t e companheiros de prisão, que tão notáveis são entre os apóstolos e que inclusivamente estavam em Cristo antes de mim. ⁸Saudai Ampliato, meu amado no Senhor. ⁹Saudai Urbano, nosso cooperador em Cristo, e o meu amado Estáquis. ¹⁰Saudai Apeles, que tão boas provas deu ao Senhor^u. Saudai os da casa^v de Aristobulo. ¹¹Saudai Herodião, meu compatriota. Saudai os da casa de Narciso que estão no Senhor. ¹²Saudai Trifena e Trifosa, que se afadigam no Senhor. Saudai a amada Pérside, que muito se afadigou

^l Lit.: *para servir os santos*.

^m *Fazê-lo* é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *com as coisas carnis*.

^o *Do que foi partilhado* é acrescento da tradução.

^p Alguns mss. mais tardios acrescentam *do evangelho*.

^q Em grego *diákonos*.

^r Lit.: *pescoço*.

^s Lit.: *que é primícia da Ásia para Cristo*.

^t A palavra grega aqui usada e nos vv.11.21 significa primeiramente *parente (consanguíneo)* e, por extensão, *compatriota*; Paulo parece usá-la nestas passagens com este último significado (cf. 9,3).

^u Lit.: *o aprovado no Senhor*.

^v *Da casa* é acrescento de tradução (vv.10.11).

no Senhor. ¹³Saudai Rufo, que foi eleito no Senhor, bem como a sua mãe, que o é também para mim^a. ¹⁴Saudai Assíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos que estão com eles. ¹⁵Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e a sua irmã, bem como Olimpas e todos os santos que estão com eles. ¹⁶Saudai-vos uns aos outros com o beijo santo. Saúdam-vos todas as Igrejas de Cristo.

¹⁷Exorto-vos, irmãos, a que estejais atentos aos que provocam divisões e escândalos contra a doutrina que vós aprendestes; afastai-vos deles. ¹⁸É que essa gente não está ao serviço de Cristo, nosso Senhor, mas do seu próprio ventre, e com palavras suaves e lisonjeiras enganam os corações dos ingénuos. ¹⁹A fama da^b vossa obediência chegou a todos, pelo que me alegro por vós. Mas desejo que sejais sábios quanto ao bem e inocentes quanto ao mal. ²⁰Muito em breve, o Deus da paz há de esmagar Satanás debaixo dos vossos pés. A graça de nosso Senhor Jesus esteja convosco.

CONCLUSÃO (16,21-27)

²¹Saúda-vos Timóteo, meu colaborador, Lúcio, Jasão e Sosípatro, meus compatriotas. ²²Também eu, Tércio, que escrevi esta carta, vos saúdo no Senhor. ²³Saúda-vos Gaio, que me hospedou a mim e a toda a Igreja. Saúda-vos Erasto, o administrador da cidade, e também o irmão Quarto. ⁽²⁴⁾^c.

²⁵Àquele que tem o poder de vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo – segundo a revelação de um mistério que foi mantido em sigilo desde os tempos eternos, ²⁶mas que agora foi manifestado e que, de acordo com a determinação do Deus eterno, foi levado ao conhecimento de todas as nações, por meio das escrituras proféticas, para as levar à obediência da fé –, ²⁷a Deus, o único sábio, por Jesus Cristo, a Ele seja dada a glória pelos séculos! Amen^d.

^a Lit.: *e de mim*.

^b *Fama da* é acrescento da tradução.

^c Alguns mss. mais tardios omitem os vv.25-27, e acrescentam a este: *a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vós. Amen*.

^d Vários mss. acrescentam um *subscriptum*, indicando que a carta foi escrita em Corinto.